

AS CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES MAIS DIVERTIDAS DO FUTEBOL



a revista oficial do

São paulo

www.saopaulofc.net

ESPECIAL

O que o futuro reserva ao São Paulo

“QUEM TRABALHA HÁ 40 ANOS COM FUTEBOL E NUNCA TEVE PROBLEMAS É COVARDE”

LEÃO

Nº 124 - R\$5,90



ROGER • LATERAIS-ESQUERDOS • CONTRATAÇÕES • OLIMPÍADA



Pare de dizer quem você é.
Mostre.



G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
 • flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
 seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
 • Java** • MMS** • discagem por comando de voz
 • interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
 Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo

Afonso Renato Meira

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo

José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Martines

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo Diretoria de Comunicações

Conselho Editorial

Luiz Celso de Piratininga Figueiredo,
Fernando Portela e Marco Antonio Sabino

Diretor Responsável

Luiz Celso de Piratininga Figueiredo

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor

Carlos Mesquita

Secretário de redação

Sergio Luci (textos e produção)

Reportagem

Ana Paula Andrade, Andréa Longue,
Cinthia Gagliardi, Danilo Januncio e
Fernando Savaglia

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico),
Guaracy Souza Sampaio
e Paulo Planet Buarque

Colaboração

A. Jefferson Scotti, Felipe Espíndola,
Juca Pacheco e Raul Snell Jr.

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva
e Tatyana Alves

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

Celso Andrade, Daniela Salvador,
Marcelo Campos, Marcelo Gonsales,
Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



04 Índice

06 Imagens

O gol de Grafite, o momento da virada diante do Guarani



08 Telão

O São Paulo na boca da imprensa

10 Perfil

Roger, o goleirão que adora o time do Morumbi



14 Especial

As crendices e as superstições mais estranhas do futebol

18 Entrevista

Articulado e firme, Leão fala o que pensa. Doa a quem doer



22 Especial II

Como será o futuro do clube?



33 Homenagem

Rogério Ceni, 14 anos de casa, e Luís Fabiano, artilheiro do qual a torcida não vai se esquecer

34 História

Os inesquecíveis laterais-esquerdos tricolores



38 Jogo a jogo

Tabelas das partidas do Brasileiro e da Sul-Americana

42 Notícias do Tricolor

Contratações, sistema de monitoramento, Expo China, Copa Internacional SPFCenter, LA Galaxy, Linkin Park, Olimpíada, Paulo Planet...



50 Crônica

Guaracy Sampaio fala sobre a excursão do Torino em São Paulo



Editorial

Imaginação fértil

Basta o time perder para logo alguém dizer que faltou criatividade ao setor de meio-de-campo. Mas, a grosso modo, e independentemente do que se faça, a bendita criatividade possui cadeira cativa, lugar privilegiado em todos os cantos e ramos de atividade. Tenha a certeza de que, por perto, sempre haverá alguém incitando sua capacidade de imaginar e enxergar soluções. Aliás, muito provavelmente exigirá isso como se você fosse um visionário, um vendedor de planos infalíveis. É assim no trabalho, em casa e até na diversão. Boas idéias são bem-vindas desde antes da invenção da roda. E, em tempos de realidade implacável, sem muitas opções, o São Paulo faz valer sua condição de clube inteligente, saindo à caça de alternativas para driblar o atual panorama do futebol, mais para padrasto do que para pai.

A agremiação se prepara para enfrentar o futuro. O presente, porém, está meio amargo, indigesto. Afinal, até mesmo times de países desenvolvidos têm sucumbido à conjuntura que saiu, ironicamente, de dentro dos campos - os altos salários pagos aos jogadores são um exemplo disso - e da cabeça de certos dirigentes. "Aquele que tem liquidez hoje pode não ter até o final do ano," profetiza Juvenal Juvêncio, diretor de Futebol tricolor. Como nada cai do céu, resta, então, traçar estratégias e trabalhar, incessantemente, para colocá-las em prática. Por meio de seus departamentos, o São Paulo vem conseguindo resultados louváveis.

São parcerias, patrocínios e idéias, como a possível transformação do Cícero Pompeu de Toledo no Morumbi Arena, maior casa de espetáculos do Brasil, que podem fazer a diferença. Afora isso, existem frutos que já estão sendo colhidos. É o caso da construção do novo CT para as categorias de base, realização de um velho sonho que ajudará a gerar/formar atletas e a economizar o dinheiro gasto com o aluguel do complexo esportivo de Barueri. Esse feito, para que se tenha idéia, é melhor do que a contratação de um supercraque, porque representa a sobrevivência a longo prazo. Além do que, um dia, os torcedores esperam que seja possível juntar, num plantel, jogadores com a categoria de Müller, Cafu, Denílson, Júlio Baptista e Kaká. Todos revelados ao mesmo tempo e atuando na mesma equipe. Essa é uma possibilidade difícil, mas não impossível e, se você quiser saber mais sobre ela e o futuro do clube, confira a super-reportagem que produzimos, com a participação da cúpula são-paulina. É ler para crer. E se surpreender. Assim como a ótima entrevista de Emerson Leão, personagem bem-articulado e incisivo que não deixa nenhuma pergunta sem resposta. A edição que está em suas mãos contém matérias instigantes, como a que conta a história dos principais laterais-esquerdos tricolores, ou então a que fala de sorte e azar, ou então a do goleiro Roger, ou então...

GLÓRIAS QUE VÊM DO FUTURO

O São Paulo está em fase de mudanças. Primeiro, trouxemos Leão, dono do perfil que o clube desejava. Como todos sabem, um técnico sério e disciplinador. Na seqüência, concretizamos as negociações com Júnior, Nildo e Ramalho, acertado na época em que fechamos com o zagueiro Alex, do mesmo Santo André. Neste exato momento, faz-se necessário refletir. Ao longo da temporada 2004, contratamos 13 atletas. Número considerável. Principalmente, se levarmos em consideração a conjuntura, altamente, deficitária do futebol brasileiro e mundial.

Estamos, porém, remando contra a corrente, centrando as nossas forças numa só direção, para manter as exclusivas tradições de nosso Tricolor.

Um grande exemplo desse esforço é a consumação de um velho sonho são-paulino: a construção de um Centro de Treinamento próprio para as categorias de base. Em breve, mudaremos para a cidade de Cotia, a 30 minutos do Estádio do Morumbi, onde teremos uma fantástica infra-estrutura para os nossos futuros craques.

Como se vê, o Tricolor usa a imaginação para, ao mesmo tempo, manter uma equipe competitiva e criar soluções para melhorar suas receitas, sempre tendo em vista o futuro do São Paulo FC e o respeito pelos que nos antecederam.

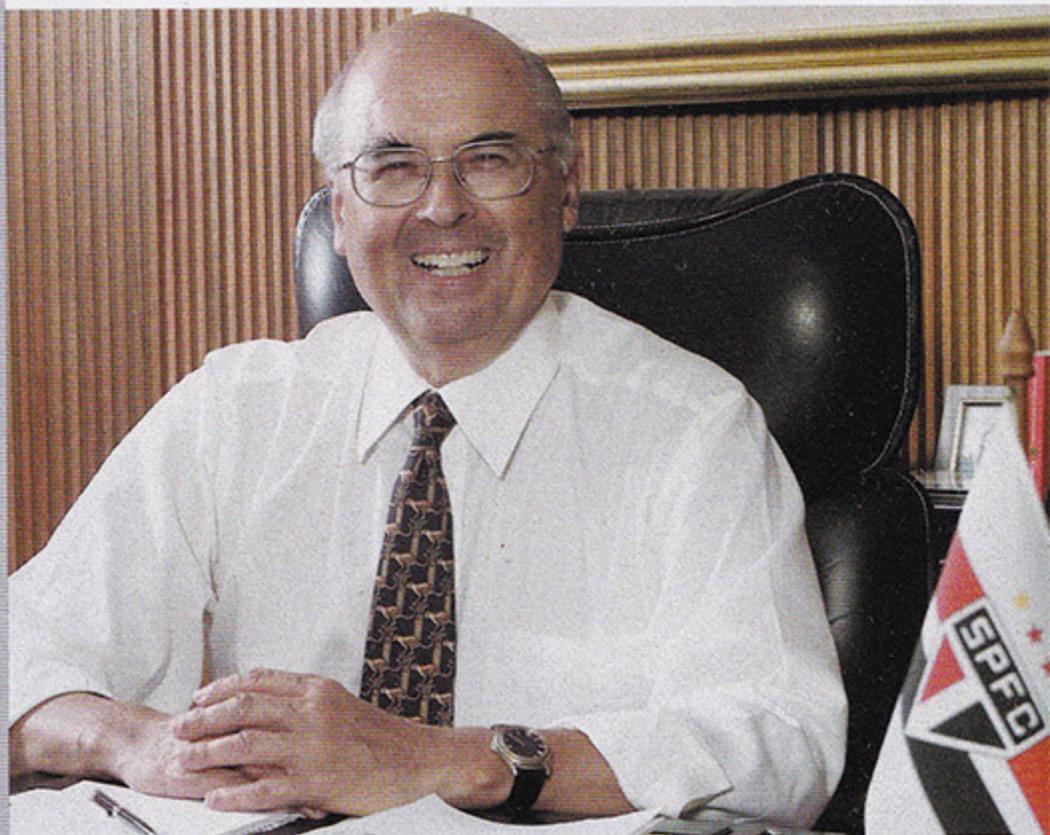
Mas o São Paulo não é só futebol, apesar de ele ser nossa principal motivação. Outras áreas de competição também se incluem em nossos objetivos, sempre valorizando nosso nome e nossa marca.

Vejam o que acontece também com os esportes olímpicos: na Olimpíada e na Paraolimpíada de Atenas, nossos atletas elevaram o nome do São Paulo às alturas. Na Grécia, tivemos representantes do basquete, do handebol, do boxe, do atletismo e do judô, modalidade em que brilharam mais forte o bronze de Leandro Guilherme, primeiro pódio brasileiro, e o ouro de Antônio Tenório, tricampeão paraolímpico.

Se, para outros, o futuro é impreciso, no Tricolor algo é certo: o trabalho que desenvolvemos, atualmente, visa ao futuro de toda a nação são-paulina.

Um abraço cheio de esperança!

Marcelo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens





SEGURA ESSA, GOLEIRÃO!

Estádio do Morumbi. Tarde de 28 de agosto. São Paulo e Guarani são os protagonistas de mais um jogo do Campeonato Brasileiro. O time da casa começa pressionando, criando oportunidades de gol. Aos poucos, a equipe campineira equilibra. Atrevida, abre o placar de falta e amplia em rebote de pênalti. 2 a 0. Placar surpreendente. O Tricolor, porém, acorda. Comandado por Grafite (*destaque*), cresce - e muito. O atacante marca o primeiro aos 37 minutos. No lance, vence o goleiro Jean, que tenta tirar a bola com os olhos. Diego Lugano, aos 44, empata de cabeça. E, aos 45, Diego Tardelli vira. O Tricolor faz o impossível. Melhora de forma heróica e brilhante. Mas, na etapa complementar, volta a cair de produção. O Bugre, entretanto, não consegue esboçar nenhuma jogada mais ofensiva. Parece ter desistido da partida. Até que, aos 47, o meia Simão invade a área. E desaba. O juiz Paulo César de Oliveira enxerga penalidade. Dois minutos depois Viola converte, jogando um balde de água fria nos fantásticos, e emocionantes, minutos finais vividos na etapa inicial.



FOTOS RUBENS CHIRI

TEMPO DE MUDANÇAS

“Há tempos digo que, se fosse para sair, seria para atuar em um grande clube europeu, com estrutura semelhante à do São Paulo. O Porto é o clube com esse perfil”

LUIÍS FABIANO (*O Estado de São Paulo/31 de agosto*)

“É uma chance para me tornar realidade no clube”

DIEGO TARDELLI (*Lance!/1 de setembro*)

ROGÉRIO CENI: PATERNIDADE EM DOSE DUPLA

(*Lance!/4 de agosto*)

“No dia em que eles nascerem, eu já vou comprar um título de sócio do São Paulo para cada um”

“Se forem meninos, só espero que não resolvam ser goleiros”

“O nascimento está previsto para 20 de dezembro, um dia após o término do Brasileirão. Tomara que a festa seja completa”

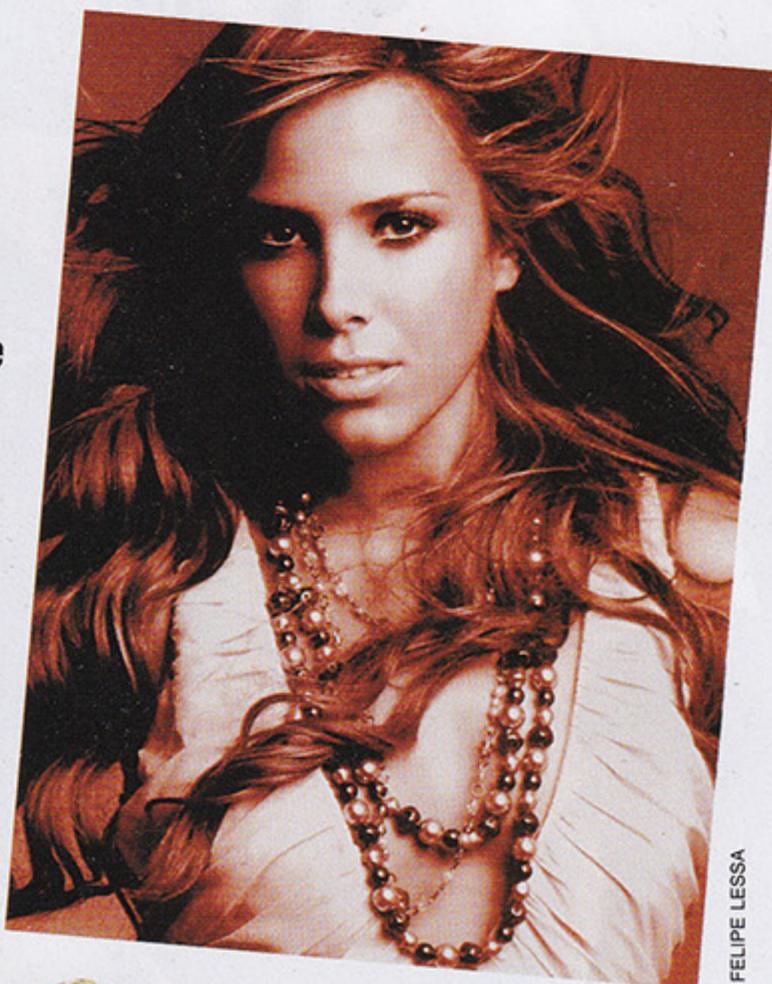


MARCELO GONSALES

PAIXÃO

“Sou tricolor de coração. Acho que herdei isso do meu pai”

WANESSA CAMARGO,
cantora



FELIPE LESSA

FILOSOFIAS DE ZAGUEIRÃO

“Não tenho medo de entrar em campo. Quem deve temer alguma coisa são pessoas na guerra”
DIEGO LUGANO
(*Lance!/18 de agosto*)

“Para o zagueiro, ser a melhor defesa é como, para o atacante do time, ser o artilheiro”
RODRIGO (*Lance!/27 de agosto*)



TV despreza São Paulo FC, líder no Ibope

DANIEL CASTRO

O São Paulo FC foi líder de audiência na TV aberta entre janeiro e julho deste ano, desbancando o Corinthians, que preferiu o futebol, a empresa associada ao Ibope e que presta serviços aos principais clubes brasileiros.

No soma de todos os jogos transmitidos por Globo e Record na Grande SP, o São Paulo registrou média de 31 pontos. O Corinthians marcou 28, o Santos, 24 e o Palmeiras, 23. Cada ponto equivale a 4% de audiência.

No ano passado, a Intermedial foi levantada abandonando o Campeonato Brasileiro, e o Corinthians foi campeão de audiência.

ganda maior audiência do Estado em 2004 se deve ao fato de o clube ter disputado a Libertadores, e não a uma supercopa.

O SPFC foi o clube que menos apostou. A Record praticamente o desprezou, transmitindo apenas dois jogos. Na ocasião, o time que mais teve partidas exibidas foi o Palmeiras (13), seguido pelo Corinthians (10) e Santos (9). Na Globo, o Corinthians foi líder de audiência, com 18 partidas, a frente de Palmeiras (12), São Paulo (12) e Santos (10).

Por ter mais jogos (28 no total), o Corinthians atingiu mais público: 11,8 milhões de pessoas no Grande SP, versus, durante período na TV, o atacante do São Paulo de 11,4 mil, o do Palmeiras, de 11,3 mil, e do Santos, 10,3 mil.



QUIZ

1 - Que jogador são-paulino foi apelidado de "O Monstro do Maracanã", por conta de suas brilhantes atuações, na Copa do Mundo de 1950?

- a) Roberto Dias
- b) Noronha
- c) Bauer
- d) Dino Sani
- e) Pé de Valsa

2 - Que técnico sagrou-se Campeão Paulista em 1981 dirigindo o São Paulo?

- a) José Carlos Serrão
- b) Chico Formiga
- c) Carlos Alberto Silva
- d) Carlos Alberto Parreira
- e) Vicente Feola

3 - Qual foi o craque tricolor que jogou no Milan na década de 60?

- a) Toninho Cerezo
- b) Evair
- c) Zé Sérgio
- d) Dino Sani
- e) Pita

4 - Que time foi o adversário do São Paulo na final do Paulistão de 1989?

- a) Esporte Clube São José
- b) Clube Atlético Bragantino
- c) América Futebol Clube
- d) União Agrícola Barbarense
- e) Associação Atlética Ponte Preta

5 - Que goleiro foi campeão como jogador e, depois, tornou-se técnico do São Paulo?

- a) Gilmar Rinaldi
- b) Zetti
- c) Toinho
- d) King
- e) Poy

Respostas: 1 c; 2 b; 3 d; 4 a e 5 e

Matéria publicada na *Folha de São Paulo*, em 10 de setembro, mostrando que o Tricolor paulista foi líder de audiência na TV aberta entre janeiro e julho de 2004, com média de 31 pontos, superando Corinthians, Santos e Palmeiras, que marcaram 28, 24 e 23, respectivamente

CONTRATAÇÕES - Parte I...

"Aprovo todas. Só que gostei mais do Rodrigo, um zagueiro sensacional que a mídia não dá valor. Jogador de Seleção"

JUVENAL JUVÊNCIO, diretor de Futebol, sobre as contratações feitas no início do ano (JT de 27 de setembro)

...Parte II

"Ele é um disciplinador, um linha-dura, do estilo que eu gosto."

JUVENAL JUVÊNCIO a respeito de Emerson Leão (Folha de São Paulo/9 de setembro)

(Coletiva no CT da Barra Funda/13 de setembro) **"O time é muito bom.**

Vamos trabalhar para conseguir resultados"

NILDO, atacante

"Quando você é criança, você quer jogar num time grande. Agora, estou no SPFC e estou muito feliz"

ZÉ RAMALHO, volante

"Espero que eu possa honrar essa camisa"

JÚNIOR, lateral-esquerdo



O ESTILO LEÃO

"Quero conhecer todos os jogadores antes de tomar decisões. Quero saber com quem posso e com quem não posso contar"
(Agora/5 de setembro)

"Já falei que não quero carrinhos, não quero jogada violenta"
Durante treino no CCT falando para Alex, que havia derrubado Gabriel
(JT/6 de setembro)

Coração paulistano

Há sete anos no clube, **ROGER** faz juras de amor ao Tricolor. E garante que, no Brasil, não há lugar melhor para trabalhar

Por Sergio Luci

17 de junho de 1997. Partida válida pela Copa dos Campeões, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O adversário é o poderoso Santos, de Vanderlei Luxemburgo. Zetti e Müller, ex-são-paulinos, comandam a equipe da baixada. Logo no início, Bordon comete falta e recebe cartão vermelho. Ao São Paulo, resta segurar o ímpeto do Peixe. E tentar armar algum contra-ataque. Para piorar a situação, Rogério Ceni, titular absoluto, desfalca o Tricolor por causa de uma cirurgia no joelho.

Foi assim que Roger estreou com a camisa são-paulina. Naquele jogo pegou tudo, salvou o time e foi eleito o melhor jogador da partida. O resultado? São Paulo 3, Santos 0; além do con-

PROGRAMAS NA CAPITAL DA GASTRONOMIA

Em São Paulo, um dos passatempos favoritos de Roger é ir a restaurantes. Em sua casa, gosta de assistir a filmes e de ler livros, como *Tudo Valeu a Pena*, de Zíbia Gasparetto

trato prorrogado por mais um ano e meio. A bela apresentação encheu os olhos de Daryo Pareira, então técnico são-paulino, que solicitou à diretoria que adquirisse os direitos federativos do goleiro. Na época, o valor estipulado pelo Flamengo, 600 mil reais, não foi empecilho. Roger assinou contrato por um ano e meio, iniciando sua trajetória na terra da garoa.

Em Cantagalo (RJ), onde nasceu, vivia em harmonia com a família. Enquanto os pais trabalhavam, ele jogava bola. Se a vida não oferecia luxo, não lhe faltavam comida, carinho, saúde e educação. Principalmente educação. Já que a diretora do colégio era sua mãe. Faltar era missão impossível, pois a "marcação" era implacável.

Muitas vezes, no meio do bate-bola, dona Sonia saía em

busca do filho para aplicar-lhe o "cartão vermelho". Em vez de ir "para o vestiário", porém, seguia-o até outro local. Acompanhado de perto pela "juíza", voltava para casa. "Tentava mentir, dizendo que não tinha lição nenhuma. Mas de nada adiantava. Ela sabia de tudo", recorda-se, com bom humor.

Antes de profissionalizar-se, Roger contou com a ajuda de uma parceira fundamental. A sorte. Dos nove aos 13 anos, disputou o Campeonato Intermunicipal de Futsal pelo time da cidade. Depois, foi para o futebol de campo. Após dois meses, a morte de uma amiga mudou sua vida. Em homenagem à garota, foram organizadas duas partidas beneficentes. Vasco e Flamengo prontificaram-se a participar. Contra o time de São Januário, não pôde entrar em campo. Restava-lhe, apenas, o jogo contra

o Rubro-Negro. E Roger fechou o gol, chamando a atenção dos olheiros flamenguistas. No mesmo dia, tentaram arrastá-lo para a Gávea. Seu pai, contrariado, não gostou da idéia. Disse que o levaria ao treino posteriormente. Dias mais tarde, de fato, seu Ricardo acompanhou Roger no coletivo do clube. Ali, o garoto deu o pontapé inicial.

Em 1996, ele conquistou o Estadual pelo Flamengo. E, ao lado de Carlos Germano, foi o goleiro menos vazado da competição. Tudo ia bem. Até que, pela segunda rodada do Brasileirão, sofreu uma contusão no joelho, desfalcando a equipe diante do Peñarol, pela Super Copa dos Campeões, no Uruguai. No retorno Júnior, na época o técnico rubro-negro, comunicou que o dono da camisa um seria Zé Carlos. Roger pediu para sair.

“Percebi que, em relação à estrutura e à condição de trabalho, entre muitas outras coisas, nenhum clube se compara ao São Paulo”

BATE-BOLA

O que aconteceu exatamente na época do ensaio fotográfico para a revista *G Magazine*?

Era uma quarta-feira de setembro. Tínhamos jogo à noite no Morumbi. O Paulo César Carpeggiani já estava sabendo que eu tinha tirado as fotos e assinado o contrato com a revista. Naquela manhã, me chamou e disse que iria sair do São Paulo no fim do ano. Havia assinado um pré-contrato com o Flamengo. Me pediu, então, que adiasse a publicação. Ou seja, em vez de ser veiculada em outubro, gostaria que a revista fosse para as bancas em dezembro ou janeiro, quando já não estaria no comando. Falei que iria tentar, mas que não dependia apenas de mim. Na mesma hora, liguei para o diretor de *G Magazine*. Ele falou que iria entrar em contato com a Ana, que era a responsável pela publicação. Após a partida, um repórter perguntou sobre as fotos. O Carpeggiani respondeu que já havia conversado comigo. E que teria deixado bem claro que, se fossem publicadas, eu não jogaria mais com a camisa do São Paulo. No dia seguinte, liguei novamente para o diretor de revista. Ele explicou que, por conta da polêmica, a Ana pretendia publicar o mais breve possível. Repassei a informação ao Carpeggiani, que não pôde retroceder no que havia prometido. Na época, poderia ter falado que ele iria deixar o clube em dezembro. Mas não quis levar para esse lado. Infelizmente, o Carpeggiani não fez o mesmo. Acabou falando algumas besteiras. Sofri conseqüências inoportunas. Até minha esposa (*da qual Roger separou-se há um ano*) me ajudou a escolher as fotos. Se ela não criticou, por que ele queria controlar minha vida pessoal?

Ficar no banco gera alguma frustração, até porque, sempre que o time precisa, você entra e joga bem?

Um clube como o São Paulo precisa ter dois ótimos goleiros. Tenho a consciência de que sou funcionário. Por isso, todas as vezes em que o São Paulo precisar de mim, vou dar meu máximo. Nunca fico chateado ou aborrecido por não ser titular. Até porque essa atitude pode afetar o grupo. Tenho de ser um exemplo para o elenco.

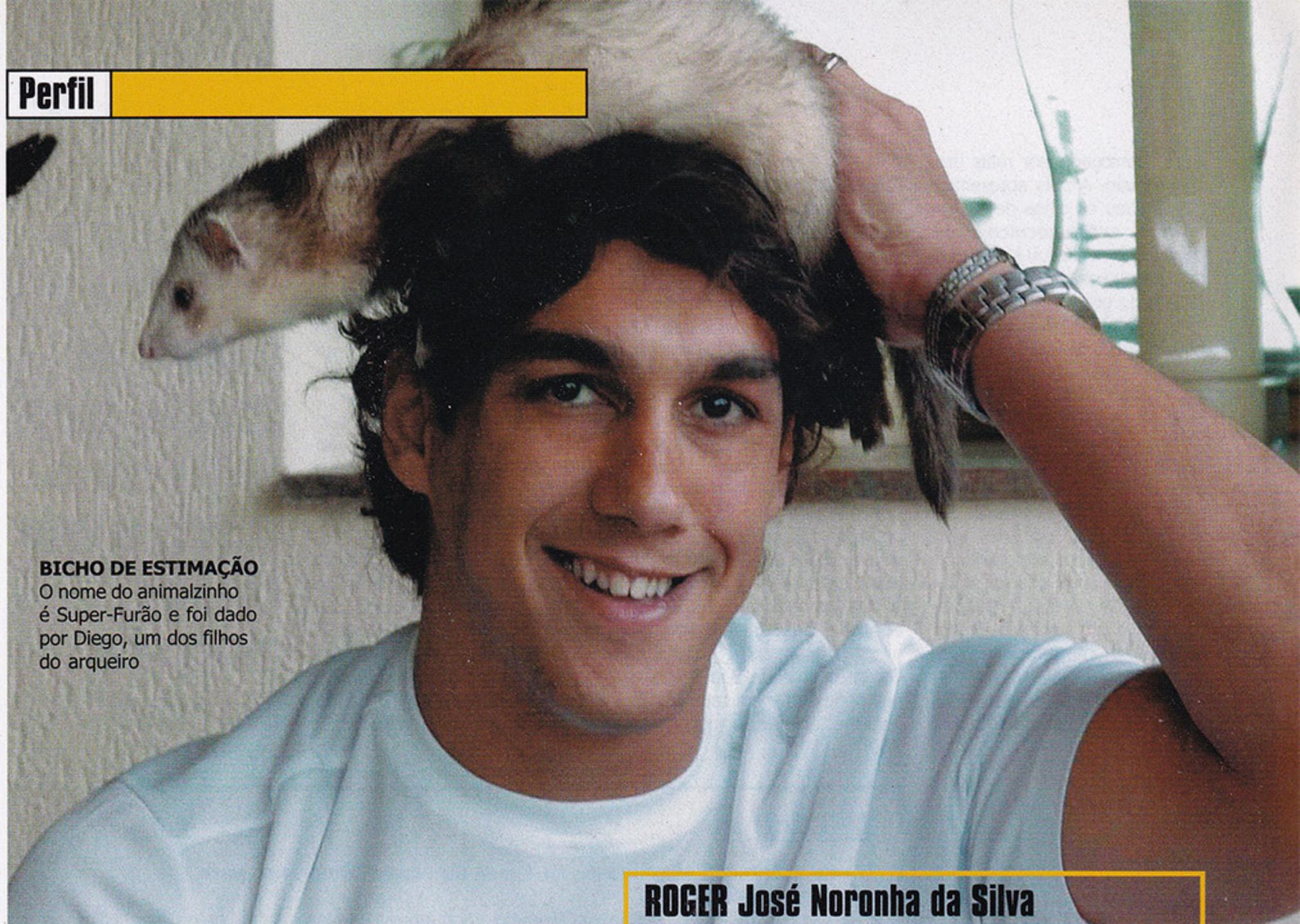
Como é seu relacionamento com Rogério Ceni?

Antes, conversávamos mais. Afinal, dividíamos o quarto em viagens. Mas, agora, a delegação viaja com 19 jogadores. E ele fica sozinho. Muitas vezes, o Rogério tem mais liberdade comigo do que com o próprio treinador de goleiros. Nosso convívio é muito legal.

Quem são seus ídolos? Quem é o melhor goleiro brasileiro?

Sempre admirei o Taffarel. Quando fui convocado para a seleção, e dividi o quarto com ele, foi, praticamente, a realização de um sonho. Hoje, está muito nivelado, mas, pela regularidade, fico com o Rogério Ceni. O Dida e o Marcos também são ótimos goleiros. O Fábio, do Vasco, tem muito futuro.





BICHO DE ESTIMAÇÃO

O nome do animalzinho é Super-Furão e foi dado por Diego, um dos filhos do arqueiro

ROGER José Noronha da Silva

Nascimento: 23/07/72

Local: Cantagalo (RJ)

Posição: goleiro

Altura: 1,87m

Peso: 89 kg

Clubes que defendeu: Flamengo, Vitória e Portuguesa de Desportos

Títulos: Campeão da Taça São Paulo de Juniores, Campeão Sul-Americano Júnior, Campeão do Torneio de Valência (Espanha), Campeão Brasileiro, Campeão do Torneio da Uva (Caxias do Sul), Campeão Carioca, Campeão da Copa Ouro, Vice-campeão da Supercopa da Libertadores, Campeão Paulista, Campeão da III Copa Euro-América, Campeão do Torneio Rio-São Paulo e Campeão do Supercampeonato Paulista

NOVA FASE EM SÃO PAULO

O atleta passou a treinar em separado e nem sequer era relacionado para as partidas. A diretoria flamenguista, contudo, não estava disposta a desfazer-se do jogador. As propostas, porém, começaram a surgir. Várias equipes manifestaram interesse. Internacional-RS, Inter de Limeira-SP e São Paulo foram as primeiras. Os dirigentes cariocas dispuseram-se a emprestar o jogador por apenas seis meses somente ao Tricolor, alegando que o atleta ficaria na reserva de Rogério Ceni e retornaria mais tranquilo. Roger desembarcou no Morumbi em 17 de fevereiro de 1997. Só estreou, no entanto, quatro meses depois, quando, por ironia do destino, seu contrato estava se encerrando.

Em 1999, um fato polêmico quase comprometeu a carreira do arqueiro. Naquele ano, Roger aceitou um convite de uma revista masculina para posar nu. Atitude prontamente reprovada por Paulo César Carpeggiani, então treinador do time, que o afastou. A diretoria o emprestou ao Vitória-BA. Em sua primeira partida no nordeste, sentiu um estiramento

no músculo adutor que o afastou dos campos por dois meses. Como o acordo era de apenas 90 dias, não conseguiu mostrar o potencial que tinha.

Nos seis meses seguintes, já em São Paulo, ia ao CT da Barra Funda apenas para treinar e manter a forma. Afinal, o treinador Levir Culpi, à frente do comando tricolor naquele momento, havia fechado o elenco para a disputa do Paulista. Em agosto, Roger foi para a Portuguesa de Desportos. Na nova equipe, disputou o Brasileiro de 2000 como titular absoluto. E foi um dos destaques lusitanos da competição. Ao final do torneio, a diretoria são-paulina solicitou seu retorno.

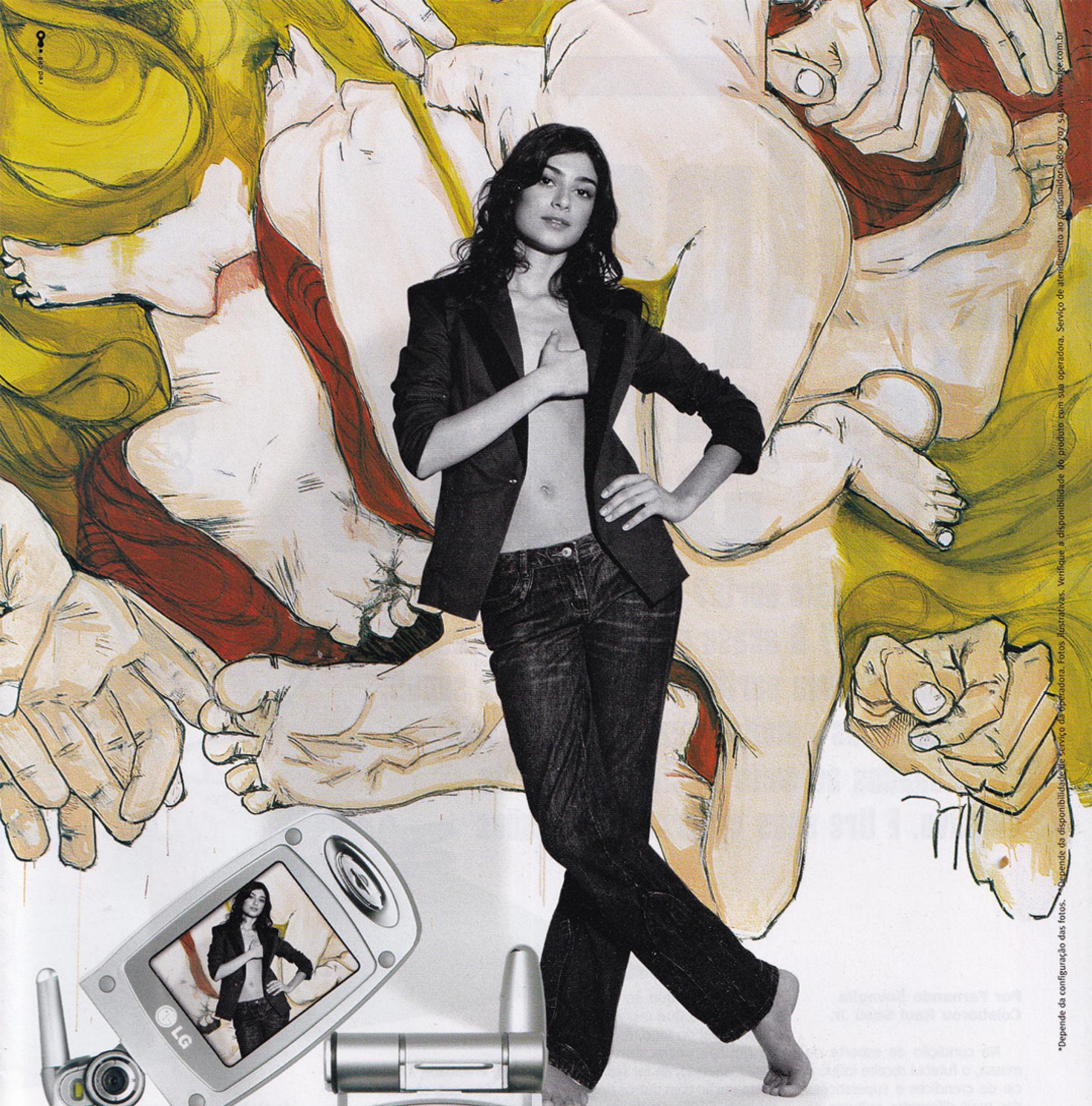
Mais maduro, Roger queria somente trabalhar. "Quando houve aquela confusão, tive de sair. Mas me arrependi. Percebi que, em relação à estrutura e à condição de trabalho, entre muitas outras coisas, nenhum clube se compara ao São Paulo. Além do mais, quando se está bem profissionalmente, não há motivo para trocar de lugar", afirmou.

O goleiro tornou-se profissional exemplar e conquistou o res-

peito de todos. Neste ano, além de ser reserva de confiança, ainda orientava os companheiros durante as partidas. Com o rádio na mão, trocava informações com os auxiliares-técnicos e as retransmitia a Cuca. Algumas vezes, até palpitava sobre alterações. "Isso é natural, já que conheço a maioria dos jogadores. Também acho que todos aqui gostam de mim. Não é porque o cara cuida da piscina ou porque é o artilheiro do time que tenho

de tratá-lo de maneira diferente", opina.

Sempre que o São Paulo precisa, Roger entra e dá conta do recado. Neste Brasileirão, por exemplo, foi o responsável direto pela vitória fora de casa sobre o Juventude-RS. Naquela partida, foi eleito o melhor em campo. Na sequência da competição, contra a equipe gaúcha do Internacional, em Porto Alegre, novamente teve exibição de gala.



Agora, sua voz
também é fotogênica.

 **LG** Life's Good

G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



*Depende da configuração das fotos. **Depende da disponibilidade de serviço da operadora. Fotos ilustrativas. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 0800 707 5434. www.lge.com.br

Golpe de sorte

No futebol, existe sorte? E atletas predestinados? O acaso pode influenciar no resultado de uma partida? Acompanhe, a seguir, fatos curiosos - muitas vezes inexplicáveis - relacionados ao mais fascinante esporte coletivo. E tire suas próprias conclusões

Por Fernando Savaglia
Colaborou Raul Snell Jr.

Na condição de esporte de massa, o futebol recebe influência de credices e superstições das mais diferentes culturas ao redor do mundo. Ao analisar seus lances curiosos, constata-se que ele é, disparado, a modalidade em que "eventos imprevisíveis", sem explicações lógicas, mais interferem, diretamente, nos resultados.

Muitas vezes, algumas equipes fecham-se na defesa, sofrendo verdadeiros bombardeios de bolas chutadas e cruzadas contra seu gol. Mesmo assim, saem vitoriosas de campo. Mas esse aspecto é fácil de en-

tender, desde que se leve em consideração que o gol, objetivo principal do jogo, é alcançado poucas vezes durante as partidas - isso, se for feita uma comparação com outros tipos de esporte. O São Paulo do início dos anos 70, por exemplo, tinha a fama de "sortudo". A estratégia do técnico baiano Zezé Moreira era, justamente, a de atrair os adversários para as proximidades da área tricolor para jogar nos contra-ataques rápidos e fulminantes.

Desde que o futebol nasceu, não é raro que times com mais capacidade técnica e física acabem sendo derrotados por outros menos capacitados, que, num único lance, às vezes inu-

sitado, é verdade, cheguem à vitória - fato que, cá entre nós, torna o jogo ainda mais apaixonante. Essa forma de desfecho, porém, é impensável em outros esportes, como o basquete ou o voleibol, em que o vencedor, ainda que sem "sorte", é sempre o mais competente, com raras exceções.

Para muitos torcedores são-paulinos, o gol mais importante da história do clube, até hoje, foi marcado por um predestinado num lance de extrema sorte. Sim, trata-se de Müller. É evidente que a impressionante coleção

de títulos dele é prova da mais genuína capacidade de um atleta que foi, reconhecidamente, um grande jogador. Apenas pelo Tricolor, foram 12 conquistas em 13 finais. A maneira, entretanto, como aconteceu o gol contra o Milan, no Mundial Interclubes de 1993, foi, no mínimo, curiosa. Tentando evitar o choque com o goleiro Rossi na entrada da área, o atacante virou-se. A bola, espirrada, acabou batendo em seu calcanhar, indo morrer no fundo da rede adversária.





MARCELO GONSALES

“No futebol, a superstição é uma espécie de sub-religião, em cujo evangelho há muito de medo, muito de esperança e muito mais ainda de fantasia”

ARMANDO NOGUEIRA, jornalista

PÉ-QUENTE

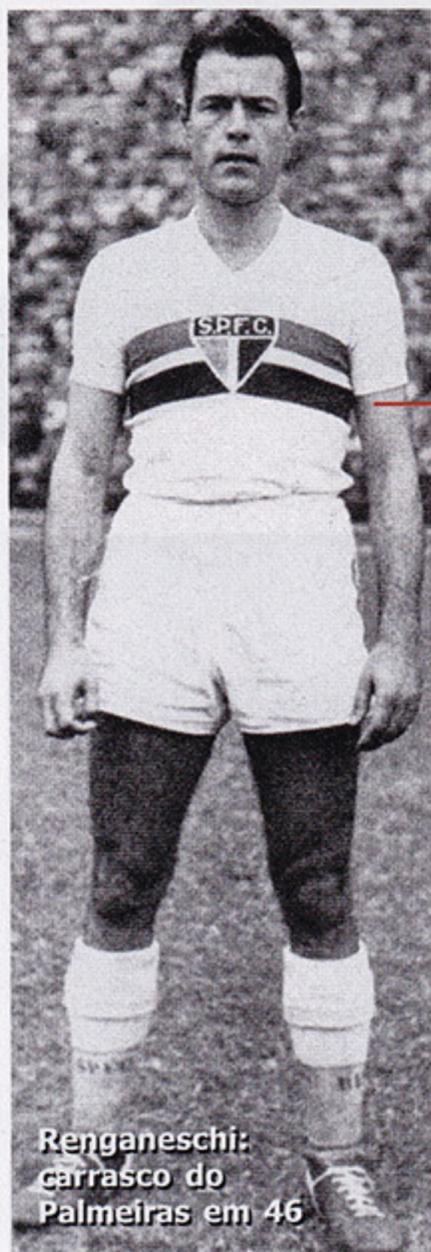
Se fosse feita uma enquete entre torcedores do São Paulo, provavelmente muitos diriam que, se não fosse Müller e, sim, outro atleta vestindo a camisa sete tricolor naquele momento, a bola teria tocado no jogador e saído. Afinal, aquilo só poderia ocorrer com Müller, que era “pé-quente”. Por mais oportunista que fosse, dizer que o lance foi premeditado, e que não contou com o mais puro acaso, seria abusar do direito de ser cético. Se, por um lado, Müller tinha sorte, existem jogadores que têm muito azar. “O sistema psíquico do ser humano tem a capacidade de fazer determinados even-



REPRODUÇÃO

“Entre 70% e 80% dos atletas de futebol acreditam em sorte ou azar. Alguns são muito influenciados por fatores externos. Geralmente, as pessoas acabam levando essas coisas muito em consideração quando não encontram respostas no seu trabalho. Quando o jogador não está centrado nele, começa a procurar respostas no que não existe”

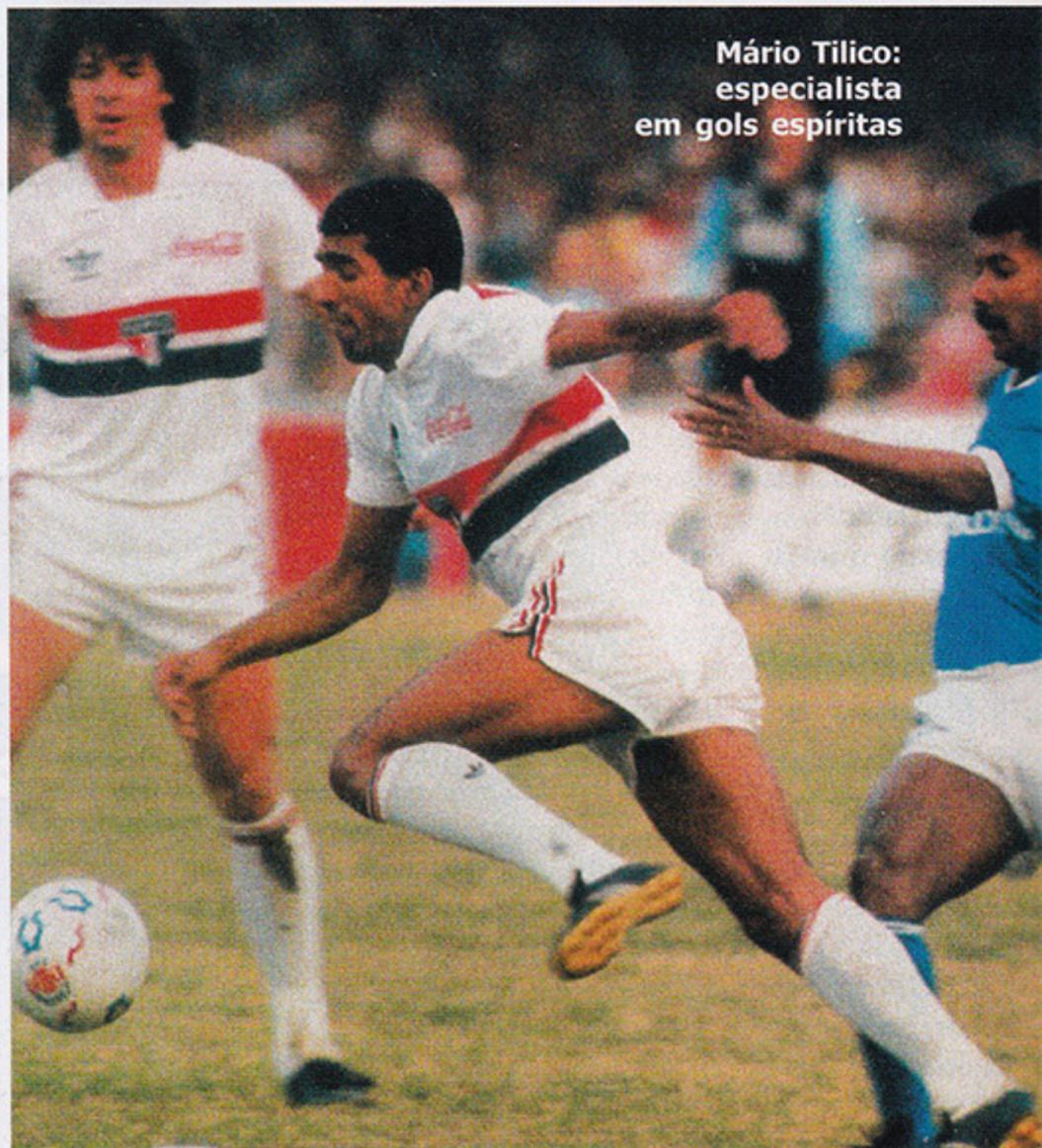
RICARDO MIURA, psicólogo das divisões de base do São Paulo Futebol Clube



Renganeschi: carrasco do Palmeiras em 46

tos acontecerem. Se um atleta cria uma identidade que tem sorte ou azar, ele mesmo faz tudo dar certo ou errado, pois acredita naquilo”, opina Ricardo Miura, psicólogo das divisões de base do São Paulo Futebol Clube.

Mas o gol diante do Milan não foi o único do gênero na história do Tricolor. Em 1946, o argentino Armando Renganeschi foi protagonista de um dos tentos mais incomuns de todos os Campeonatos Paulistas. Na partida contra o Palmeiras que valia o título antecipado para o Tricolor, o zagueiro machucou-se. Pelo fato de, na época, a regra não permitir substituições durante as partidas, coube ao central postar-se no campo de ataque do São Paulo apenas para fazer número. Até aquele momento, faltando seis minutos para o término - o resultado de 0 a 0 obrigaria o Tricolor a fazer uma decisão extra contra o Corinthians, dali a uma semana -, uma bola cruzada pelo volante Bauer encontrou o goleiro Oberdan Cattani desprevenido. Para evitar o gol, o arqueiro prensou a bola contra a trave. Em seguida, caiu no gramado e deixou a meta, total-



Mário Tilico: especialista em gols espíritas

mente, desguarnecida para Renganeschi, que a empurrou, mesmo mancando, para dentro. O portenho, assim, decretou a vitória e antecipou o título. O irônico é que, se não houvesse se contundido, as chances de estar colocado ali, naquele exato momento, seriam praticamente nulas.

COMPETÊNCIA E SUPERSTIÇÃO LADO A LADO

Não se deve, porém, esquecer que tanto Renganeschi quanto Müller tornaram-se predestinados em times vencedores. O segundo foi, inclusive, peça-chave daquela inesquecível equipe comandada por Telê Santana - que, curiosamente, recusava-se a entrar em campo para dirigir o São Paulo se não estivesse vestindo uma camisa vermelha. Mas esse tipo de superstição não faz parte só do cenário nacional. Espalha-se por diferentes países.

Constantemente, são vistos hábitos “estranhos” de atletas, como pisar no gramado apenas com o pé direito ou as famosas, e inexplicáveis, três batidinhas,

com o bico da chuteira, que vários goleiros gostam de dar em cada trave antes das partidas. Outros ajoelham-se e rezam diante da bola nos segundos que antecedem as cobranças de falta. Aliás, orar e acender velas são hábitos comuns nos momentos que precedem os jogos, principalmente nos vestiários.

As chamadas “limpezas” contra o mau-olhado também fazem parte do folclore brasileiro. Nos anos 60 e 70, ficaram famosas as lavagens de vestiários do Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, feitas pelo massagista Santana. Com isso, o vascaíno garantia que qualquer despacho - ou coisa do gênero - lançado por algum adversário seria quebrado. Apesar de esse assunto ser considerado “tabu”, algumas pessoas ligadas ao esporte tentam desmistificá-lo. “Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminaria empatado”, disse, certa vez, o lendário filósofo do futebol Nenen Prancha.

Uma das passagens mais curiosas ligadas a maldições contra clubes deu-se com a Associação Atlética Ponte Preta, na

Bola murcha

Evento estranho aconteceu com a equipe inglesa do Charlton Athletic na década de 40. Durante uma partida contra o Derby County, a primeira do playoff que decidiria o campeonato inglês de 1946, a bola do jogo estourou, fato pouco comum. Dias depois, durante o segundo encontro entre as equipes, novamente a bola espocou. O mais incrível foi que, um ano depois, a bola voltou a estourar na decisão do Campeonato entre o Burnley Football Club e o mesmo Charlton Athletic.

década de 60. Segundo a lenda, a mãe do meia Pitico teria rogado uma praga no ano de 1959, dizendo que a equipe campineira amargaria dez anos de azar por ter dispensado o filho dela. E, de fato, a Ponte sofreu, durante exatos dez anos, na Segunda Divisão até conseguir retornar à elite do futebol paulista, em 1969. Já o período que o Corinthians ficou sem títulos, 23 anos, foi atribuído a um sapo enterrado no Parque São Jorge.

AMULETOS

Para que se tenha idéia de como essas crenças são levadas a sério, basta lembrar que a Confederação Africana de Futebol aconselhou as seleções do continente que iriam disputar a Copa do Mundo do Japão e da Coreia, em 2002, a não levarem feiticeiros com as delegações. O objetivo era preservar a boa imagem do ascendente futebol africano.

Enquanto alguns jogadores carregam amuletos, como correntinhas e santinhos, outros gostam de usar apenas um único número nas costas. O contrário, entretanto, pode acontecer também, como no caso da equipe turca do Gaziantepspor, que extinguiu a camisa 11 porque dois de seus jogadores que atuavam com ela teriam se contundido de maneira séria em curto espaço de tempo. "Entre 70% e 80% dos atletas de futebol acreditam em sorte ou

azar. Alguns são muito influenciados por fatores externos. Geralmente, as pessoas acabam levando essas coisas muito em consideração quando não encontram respostas no seu trabalho. Quando o jogador não está centrado nele, começa a procurar respostas no que não existe", ressalta Miura.

Mas é inegável que coincidências aconteçam. No dia 22 de junho de 1974, o atacante Valdomiro salvou o Brasil de passar pelo vexame de não se classificar para a segunda fase da Copa do Mundo da Alemanha ao marcar, com a ajuda do goleiro Kazadi, o terceiro tento contra a fraca seleção do Zaire. Os brasileiros só continuariam na competição se alcançassem uma diferença de três gols sobre os africanos. Curiosamente, o ponta, que era do Internacional de Porto Alegre, vestia a camisa 13, número de sorte para Mário Jorge Lobo Zagallo, técnico da nossa seleção na época.

GOLS ESPÍRITAS

Alguns atletas acabam, mesmo, transformando-se em amuletos. No princípio dos anos 90, Macedo, atacante tricolor, foi um. Afinal, era a arma secreta de Telê Santana, assim como Mário Tilico, que fazia tentos importantes para o time sempre no segundo tempo, quando entrava em campo.

Este último parecia ter sorte especial diante do Bragantino, equipe contra o qual marcou gols

"Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminaria empatado"

NENEN PRANCHA, lendário filósofo do futebol



Telê: camisa branca nos treinos, mas, nos jogos, apenas as vermelhas

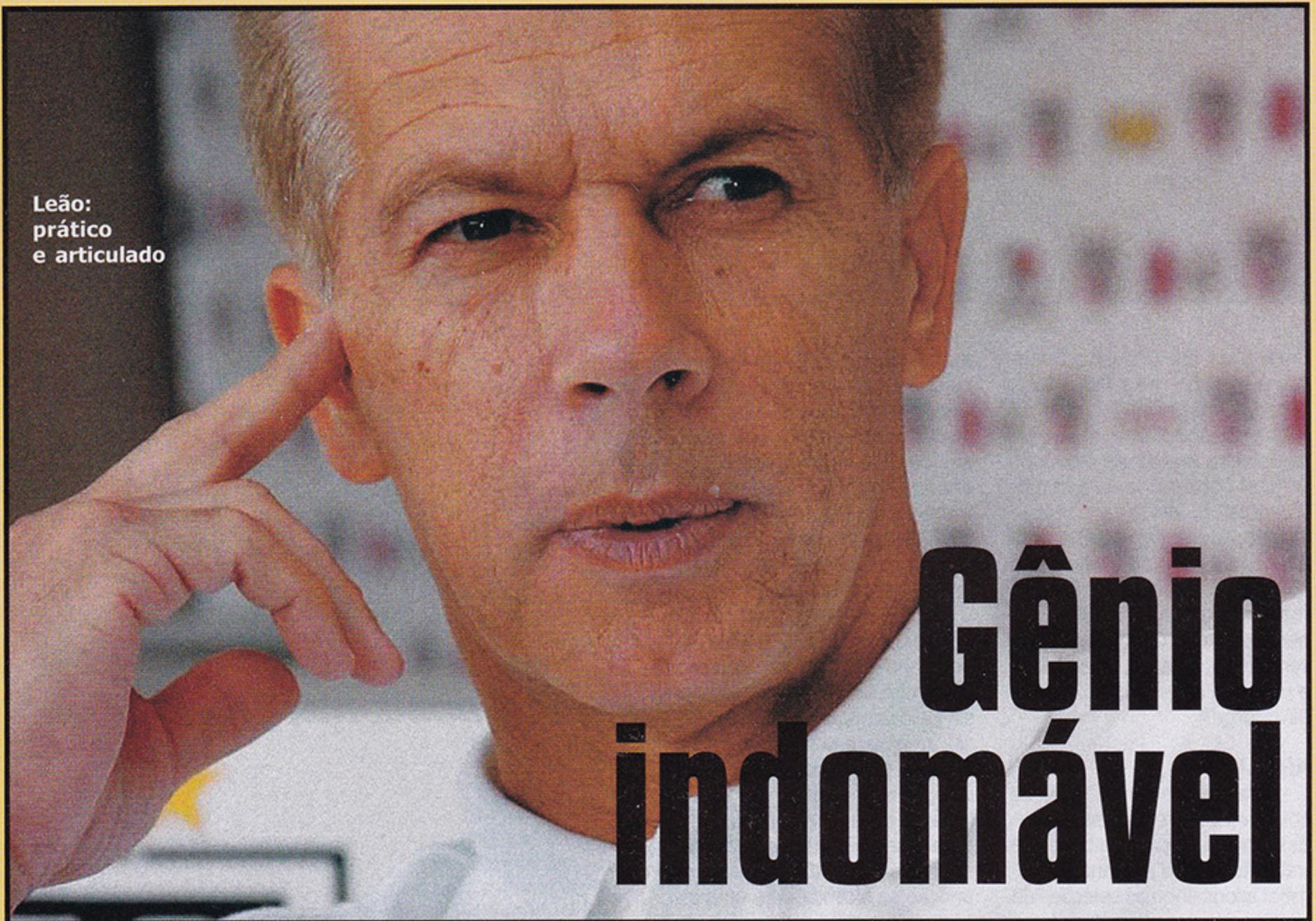
FOTOS REPRODUÇÃO

fundamentais, como o que valeu o Brasileiro de 1991 e um estranhíssimo na partida disputada em Bragança Paulista, na noite de 21 de junho de 1989, na vitória por 2 a 0 que credenciou o São Paulo a disputar a final do Paulistão daquele ano. Esse tipo de tento é conhecido, na gíria futebolística, como "gol espírita". De forma geral, é originado de um lance impossível de ser repetido. No caso do são-paulino, o gol surgiu de um chute dado da linha de fundo. Portanto, sem ângulo algum. Mas, às vezes, algumas irregularidades no grama-do (quando próximas do goleiro, costumam ser chamadas de "morrinhos artilheiros"), assim como rajadas de vento, podem contribuir.

Esse gol de Tilico, entretanto, não está sozinho na galeria dos "espíritas". Trinta e seis anos antes, ou seja, em 1953, no mesmo dia 21 de julho, outro atleta tricolor fez um semelhante. Em partida contra o Corinthians, o

atacante Benedito marcou um quase impossível diante de um Pacaembu atônito. Após receber cruzamento de Bauer, a meia altura, e em cima da risca da linha de fundo, Benê, como era conhecido, soltou uma pancada certa de sem-pulo. O goleiro Gilmar dos Santos Neves ficou intrigado como o são-paulino foi capaz de tal façanha, até porque habilidade, definitivamente, não era o forte do atacante. A propósito, Benedito Máximo dos Santos foi titular em oito oportunidades. E balançou as redes, apenas, duas vezes.

A melhor definição da relação entre futebol e superstições talvez tenha sido a dada pelo jornalista Armando Nogueira, quando discorreu sobre o tema no jornal *A Notícia* de Santa Catarina: "No futebol, a superstição é uma espécie de sub-religião, em cujo evangelho há muito de medo, muito de esperança e muito mais ainda de fantasia".



Leão:
prático
e articulado

Gênio indomável

Emerson Leão chegou ao São Paulo Futebol Clube no início de setembro. Na bagagem, além da experiência adquirida e dos inúmeros títulos em 40 anos de bola, o estilo disciplinador. Firme em suas convicções, o novo técnico tricolor tem os predicados que o clube buscava: sério e perfeccionista

Por Carlos Mesquita

Amado por muitos e odiado por outros, ninguém fica indiferente à presença de Leão, 55. Para o São Paulo, ele é a tradução ideal do perfil que o clube desejava. As primeiras ações do treinador no Morumbi comprovam a linha de conduta que sempre teve: trabalho sério.

Natural de Ribeirão de Preto, Emerson Leão é um caso de garoto prodígio no esporte. Aos 10 anos, já estava no infantil do São José Esporte Clube, em São José dos Campos, São Paulo. Com 13, treinava no juvenil do Comercial, time de sua terra. Dali a dois anos, assinaria seu primeiro contrato profissional com o Esporte Clube São José. Ainda defenderia, novamente, o Comercial antes de dar início a uma das carreiras mais vitoriosas de que se tem notícia.

Em 1968, foi contratado pelo Palmeiras, clube em que atuou por dez anos. Consagrado, partiu para o Rio de Janeiro. Lá, defendeu o Vasco da Gama durante três anos. Na sequência, teve rápida passagem pelo Grêmio. Resolveu retornar a São Paulo em 1983. Dessa vez, entretanto, para vestir a camisa do time do Parque São Jorge, que, na época, vivia a Democracia Corintiana. Em 1984, voltou ao Palmeiras. Mas, logo após a Copa de 86, decidiu, quando

estava em férias, ir para o nordeste. Começou 1987 na condição de atleta do Sport-RE. E encerrou como treinador.

Leão, de fato, foi precoce. Aos 20 anos, em 1970, já era o terceiro goleiro da seleção tricampeã mundial, no México. Em 1971, tornou-se o dono absoluto da camisa um do Brasil - reinado que durou até 1979. Nesse período, disputou as Copas da Alemanha, em 1974, e da Argentina, em 1978, na qual ficou 457 minutos sem tomar gol. Nas duas edições, foi eleito um dos três melhores goleiros do planeta. Na seguinte, realizada em 1982 na Espanha, não fez parte da lista de Telê Santana. Foi, porém, à do México, em 1986.

Leão ficou conhecido por sua genialidade em campo, mas também por discussões emblemáticas fora dele com jogadores, dirigentes, juizes e jornalistas. "Tive os problemas normais de quem está há muito tempo numa profissão e lida com a vaidade", dispara.

À frente do Tricolor, detectou, nos primeiros treinos e jogos da equipe, os erros a serem corrigidos. "Fizemos uma partida, taticamente, muito boa contra o Cruzeiro. Mas perdemos os gols porque pecamos nos fundamentos na hora da execução. É nesse ponto que venho insistindo." Assim é Emerson Leão: sério, perfeccionista e pragmático, à moda dos treinadores que saíram de dentro do campo. E que sentiram na pele todas as agruras do futebol.

Depois de tantas tentativas que não se concretizam, como é trabalhar no São Paulo?

Quando se compete, desde os tempos de atleta, com um clube que sempre está em evidência, passa-se a respeitá-lo cada vez mais. E, quando um profissional é convidado por essa equipe, e não consegue que isso ocorra, fica envaidecido, mas também preocupado. Afinal, cada vez em que recebe um convite que não se concretiza, tem de fazer um pouco mais para que o próximo se realize. Depois de tanto tempo, porém, acontece de dar certo. A responsabilidade dele, então, cresce. Assumo o time numa fase de modificações. No primeiro semestre deste ano, cinco atletas titulares foram embora. Mas o São Paulo não conseguiu repor. Quer dizer, a responsabilidade passou a ser ainda maior. Já que o clube necessita de títulos.

Você disse que estava ciente dos problemas que o SPFC tinha e que, inclusive, estava chegando, justamente, por causa deles.

Fui contratado porque alguma coisa não estava de acordo com o que o clube sempre teve. Hoje, estamos vendo que a troca de técnico - e eu, como treinador, digo infelizmente - no São Paulo tem aumentado. E olha que não é característica do clube trocar de técnico toda hora.

Já deu tempo de avaliar o elenco?

Todo mundo pensa que, quando chega um novo treinador, o time será trocado. Primeiro, não há condição de contratar. Estamos com as inscrições encerradas para o Brasileiro e a Sul-Americana. Tentarei as modificações de acordo com a necessidade e a qualidade de cada atleta. Nessas circunstâncias, faremos isso o mais rápido possível, o melhor possível e o mais compensador possível. Somente depois é que poderemos pensar em alguma coisa mais consistente.

Então o que é possível fazer?

Tudo aquilo que o São Paulo pensa. Vamos disputar os títulos do Brasileiro e a da Sul-Americana.

Dá para chegar?

Você tem de tentar. No dia em que não acreditar que dê para o São Paulo chegar, estará jogando a toalha prematuramente, o que jamais deve ser feito.

Os jogadores estão assimilando sua forma de trabalhar? Já é possível dizer que o time tem sua mão?

Não posso ter minha forma de trabalhar, porque não é possível chegar ao São Paulo e falar que o time vai jogar dessa maneira. Preciso saber se tenho os atletas para agir assim. Depois, analisar se o tempo é favorável ou não para mudar, radicalmente, certa postura. Antes de qualquer coisa, deve-se usar o bom senso. Até o final do ano é o que pretendo fazer. Minha preocupação é que os jogadores entendam a necessidade deste fim de 2004. Eles devem mostrar mais do que já mostraram para permanecerem em 2005. A questão das faltas, por exemplo, demonstra que o time defende mais do que ataca. Ficaremos mais satisfeitos quando conseguirmos agredir mais os adversários. É claro que os cartões nem sempre são provenientes de faltas. 70% deles são sinônimo de rebeldia. Vêm de reclamações, chutes para longe e erros individuais que exigem conversa particular. Pode-se admitir cartão por erro de árbitro ou necessidade tática, mas não por reclamação boba ou reincidência de reclamação. Esse é mais um problema que o bom senso pode resolver. Quanto ao time ter minha maneira de jogar, o problema é que não existe seu jeito na derrota. Só tem sua mão na vitória. Estou procurando fazer aquilo que os jogadores podem oferecer. Não posso mudar o São Paulo ainda este ano. Não é porque cheguei que tenho de inventar. Não sou inventor. Sou técnico.

Mas já teve uma mudança de cultura nos jogadores. O Diego Tardelli, por exemplo, disse que, com o Cuca, tinha três despertadores e agora, com você, já são seis.

A observação é simpática, se não for brincadeira. Mas costume dizer que grandes equipes são como universidades. Antes de entrar, deveria ocorrer uma aná-

lise prévia do currículo do candidato, como nos EUA. Seria um vestibular de notas, observações, condutas para que você, como professor dessa instituição, não tivesse de ensinar coisas que se aprendem na infância profissional. Ou seja, no infantil, no juvenil. Às vezes, perde-se tempo demais com esse tipo de treinamento, que, no profissional, não deveria existir. Não posso conceber um atleta de uma universidade que não saiba chutar com as duas pernas, por exemplo. É uma falha tremenda do futebol de base, que deveria ser o formador de sementes. Entendo o posicionamento dos treinadores, mas a filosofia tem de ser outra. Eles são formadores e não buscadores de títulos. Os diretores também têm de entender esse conceito. O importante nessa fase

para isso. Desde que era atleta, escuto que o brasileiro é o mais habilidoso do mundo. Será que não é o mais irresponsável também por ter de ser repreendido nesse quesito? Deveriam pensar um pouco mais sobre isso. Por outro lado, a cada ano, o atleta sobe mais cedo. Em virtude disso, está menos preparado que antes. Ao passo que a cobrança está cada vez mais forte. As pessoas criticam garotos de 17, 18 anos. Mas esquecem que eles são precoces. Faça um exercício. Volte para casa e veja se seu filho da mesma idade tem tanta responsabilidade e recebe tanta carga emocional que um jogador? O futebol brasileiro gerou esse quadro pela necessidade de faturamento. A imprensa passou a rotular de craque antes de saber a realidade. O garoto começou a ter empresário

“Não posso mudar o São Paulo ainda este ano. Não é porque cheguei que tenho de inventar. Não sou inventor. Sou técnico”

não são os títulos, mas, sim, o que os técnicos deixaram.

Do que você está gostando?

Ainda é cedo para falar em decepções e alegrias. Quando cheguei um treinador novo, os atletas procuram mostrar um pouco mais para merecerem algo maior também. Posso dizer que eles têm tentado executar o que tenho pedido. Principalmente na questão dos fundamentos. Se melhorar, virão resultados mais favoráveis. Fizemos uma partida, taticamente, muito boa contra o Cruzeiro. Com ótima pegada. Eles não fizeram nada em termos de agressividade. Apenas bateram. Mas perdemos os gols porque pecamos nos fundamentos na hora da execução. É nesse ponto que venho insistindo. Faço questão que melhorem nisso para que usem no momento em que precisarem. Os jogadores, porém, deveriam ter superado essas dificuldades há muitos anos. O profissional não é o estágio certo

mais cedo, que ganha por aquilo que vende. Por isso, quer negociar toda hora. Hoje, não se cria raiz como antes. Ver um atleta ficar dez ou 12 anos num clube é raro. O futebol atual é mais comércio do que espetáculo, cultura, emoção.

É por esse motivo, entre outros, que os estádios estão vazios?

Os estádios estão vazios porque o dono do futebol mudou. Antes, era o torcedor. Eram os associados. Hoje, é a televisão. São os megaempresários. Os patrocinadores. Mas, por incrível que pareça, sem eles não se sobrevive, pois o futebol tornou-se dependente muito rápido.

Assim como você, o Telê Santana tinha esse estilo de treinar...

Já até sei qual será sua pergunta. Não gosto de estabelecer isso, não. Na minha carreira de técnico, procuro fazer aquilo que foi um aprendizado durante os

24 anos em que fui profissional de futebol. Estou à vontade para falar. Já que comecei com 14 anos. Ou seja, de forma prematura. Mas eram outros tempos. Se o Telê fazia repetição, é porque era necessário. Se continuo fazendo depois de 15 anos, é sinal de que não melhoramos. É triste. Não se evoluiu nada.

Como foi seu relacionamento com ele na Copa de 86, quando você foi como terceiro goleiro?

Fui como goleiro, não como terceiro. Lá, o Telê fez revezamento no banco. Não havia um segundo nem um terceiro. Ele tinha definido apenas o primeiro. Acho que levar um homem de 37 anos para uma Copa do Mundo e não usá-lo foi um dos grandes erros dele. Era melhor que tivesse convocado um de 20 anos para que adquirisse know-how para a próxima. Em 82 não me levou, mesmo eu sendo unanimidade naquela época. De qualquer forma, era um direito dele. E quem

meiros. Depois de cumprido esse dever, não se tem lembrança. Pois fui feliz no que fiz. Não jogo futebol. Nem tenho saudade do que fui. Não uso, muito, a expressão "no meu tempo". Não preciso, toda hora, voltar meu olhar para o passado. Numa profissão de competição e de cobrança, que é o futebol, e ainda mais sendo goleiro, posso dizer que tive 80% de alegrias e 20% de tristezas. Não preciso nem dizer que encerrei minha carreira feliz. Agora, estou em outra fase. E entendo que tudo que fiz foi um aprendizado para ser o que sou hoje. Também posso dizer que já estou satisfeito com o que já consegui. Talvez seja um aprendizado para uma coisa posterior, que não sei o que é.

Dirigente?

Se não sei, não posso lhe falar.

Na condição de goleiro, como foi sua trajetória pelos clubes?

Iniciei no São José. Joguei na

da Gama. O vice-presidente me viu jogar no Comercial e pediu que fosse treinar. Fiquei 14 dias lá. Mas eu fazia tiro-de-guerra e não podia. Além do mais, o treinador nunca me olhou. Voltei. Após dois meses, estava no Palmeiras e, três meses depois, na seleção. No começo do ano, fazíamos uma aposta que satisfazia, e muito, o presidente do clube e os treinadores: quem jogaria mais durante o ano? Me lembro que, naquela época, fazíamos 80 ou 85 partidas. Havia gente que quase nunca ficava fora. Ou que só ficava quando estava na seleção brasileira, que também era bom para o clube. Criávamos raiz. Jogávamos com emoção. As grandes equipes tinham, em suas fileiras, cinco ou seis excelentes jogadores. Vim para São Paulo. Fiquei um tempão no Palmeiras. Depois, fui para o Vasco, aquele mesmo que não me deixou aparecer. Na seqüência, fui para o Grêmio e voltei para minha origem, que era São Paulo. Mas retornei para jogar no Corinthians. Após um tempo, vesti novamente a camisa do Palmeiras. Queria encerrar minha carreira lá, com 37 para 38 anos. Mas eu estava em férias, tinha acabado de retornar da Copa de 86. Naquela época, já era dono do que queria fazer. E achei melhor ficar um ano no nordeste. Permaneci seis meses como atleta no Sport-RE e mais seis como treinador. Encerrei meu ciclo lá. Sem despedida, sem frescura e sem marketing. Da mesma maneira que comecei.

Você chegou ao Parque São Jorge na época da Democracia Corintiana...

Sou um profissional que foi para vencer. E foi o que aconteceu. Fiquei lá um ano só, fui campeão e acabou.

Você teve problemas de relacionamento?

Sou um profissional de futebol. Não faço igreja nem participo de churrasco. Não sou político. Não sou nada. Apenas trabalho. Pensava assim naquela época. Sei que, em muitas circunstâncias, não é o correto, mas minha cabeça ainda não permitia mudanças.

Mas, hoje, você mudou bastante.

Não que tenha mudado. Você

envelhece. Continuo não sendo político. Continuo sendo profissional de futebol. Hoje, talvez eu seja um pouco mais flexível, pois passei a ter família, negócios e mais responsabilidades. Mas não sou corruptível.

Como foi sua passagem pela seleção brasileira na condição de técnico?

Não passei pela seleção brasileira como técnico. Apenas estive lá.

Quem foi seu grande ídolo?

Você não conheceu. É que os ídolos dos jovens do interior não eram as grandes vedetes mundiais. Eram jogadores da própria terra. A televisão chegou muito tarde lá. Depois que me tornei atleta, passei a ser ídolo de algumas pessoas. Descobri, prematuramente, que eu tinha a obrigação de ser exemplo. A minha responsabilidade foi muito aumentada.

Isso pesou?

Não. Ela me induziu a ser tudo que sou e criou uma carapaça de proteção para que eu não fosse atingido. Eu me fiscalizava muito. Nunca tive final de semana. Conseqüentemente, nunca tive baile, festa, boate, bebida, cigarro. Tudo isso era incompatível com minha profissão, que me deu tudo que tenho. Sempre pensei assim.

Suas passagens pelo Japão foram boas?

Quase fui novamente antes de acertar com o São Paulo. Trabalhei em dois clubes lá. Foram duas situações diferentes. Na primeira, a J. League (*Liga Japonesa*) estava começando. Fui para uma cidade do interior dirigir o time caçula do campeonato. Entramos pela porta dos fundos. Ninguém esperava. Pouco dinheiro, mas em um lugar que gostava de futebol, que era a cidade de Shizuoka Shimizu. Todos os meninos eram das escolas. Não havia campo. Não havia nada. Cansei de treinar em jardim de fábrica, correr em hotel que tinha bosque. Passava 30 ou 40 dias sem fazer coletivo, mas não perdia. Estava levando conhecimento a eles. Ninguém acreditava que poderíamos ir bem. E fomos. Isso aconteceu em 1993. Nessa época, fiquei quase três anos. Depois, saí.

“Pelo fator financeiro, alguns deixaram de ser atletas. Passaram a ser celebridades, que, a meu ver, são aqueles que, toda hora, estão no vídeo. Trabalhar com celebridade é duro”

tem o direito assume a responsabilidade do que faz. Convivi com o Telê em 86. Foi da mesma forma. Não o conhecia. Nem pessoalmente nem trabalhando. A única vez em que tivemos contato foi naquela Copa. Pelo fato de eu pertencer a uma casta de técnicos práticos, e não teóricos, muitas pessoas falam: "Pô, o Telê treinava assim, o fulano e o Leão também". Mas é assim porque saímos de dentro do campo. Somos ex-atletas.

As outras Copas de que participou tiveram sabor especial?

Particpei de quatro e posso me sentir um privilegiado. Na época, o sabor era ter alcançado o objetivo de estar entre os pri-

Quarta divisão, na Terceira, na Segunda, na Primeira e na Especial. Sou filho de Ribeirão Preto, mas, quando eu tinha 14 anos, meus pais saíram de lá por conta dos negócios e se instalaram em São José dos Campos. Comecei a jogar porque havia um time em formação. Depois a equipe acabou. Foi aí que peguei meu passe, pois o clube não tinha dinheiro para me pagar. Voltei ao Comercial de Ribeirão Preto, encontrei meus amigos, fiz teste e fui aprovado. Após um ano passei por outro, mas no Palmeiras. Antigamente, o jovem que vinha do interior ficava três meses em experiência para ver se tinha capacidade. Terminei sendo contratado. Antes disso, porém, fui ao Vasco

Voltei em 1996 por uma equipe maior, de cidade grande, mas que tinha envelhecido e que não ganhava título havia nove anos. Permaneci oito meses e conquistei os títulos de que precisavam. O futebol do Japão começou como a Ilha da Fantasia. Aquilo ali era um espetáculo. Determinado atleta tinha de jogar porque tinha muito fã ou porque era bonitinho. Disse que não tinha chegado para fazer o que eles queriam. Fui lá para fazer aquilo que deveria ser feito. Eles demoraram um ano, mais ou menos, para entender minha cabeça. Certa vez, pedi uma dica a um motorista do nordeste que trabalhava na Embaixada Japonesa. Falei a ele: "Você, que trabalha com eles há muito tempo, pode me dar uma deixa? Estou há um ano no Japão e não consegui entender a cabeça deles". E ele respondeu: "Mas eu trabalho há 20 e ainda não entendi". Fiquei mais tranqüilo, pois eu tinha mais 19 anos pela frente para compreender (risos).

Você é um cara sério, perfeccionista, que gosta de trabalhar...

A vida me fez assim. A necessidade também. Não venho de herança. Venho de trabalho. A diferença é essa.

Viveu muitos problemas por conta dessas características?

Muitos. Quem trabalha há 40 anos com futebol e nunca teve nenhum é covarde. Tive os problemas normais de quem está há muito tempo numa profissão e lida com a vaidade e o jornalismo, que é muito perigoso. Antigamente, agora sou obrigado a usar essa palavra, o atleta tinha relacionamento com muitos setoristas. Era possível sair com eles, pois sabiam separar uma coisa da outra. Hoje, por uma necessidade de emprego, o jovem não pode fazer isso. Está sempre querendo prestar um serviço diferente. E acaba errando demais. Mas, ainda assim, tem cara muito bom.

Aliás, seu relacionamento com a imprensa melhorou? Sou profissional. O que falo, cumpro. O que eles dizem para eu fazer, também cumpro.

Hoje, tenho assessor de imprensa que marca o dia e a hora das entrevistas. Antes, não havia isso. Mas, se você chegou atrasado, problema seu. Cumpri minha obrigação. Se acaba um jogo e um jovem pede que eu faça uma análise, não faço, não. Falo para ele me perguntar. Aí, sim, respondo. Logicamente, sofri por isso. Hoje sofro menos.

Você disse que não era nem linha-dura nem linha-mole. Como ser exigente sem ser chato?

Sendo realista. Se está marcado para às 11h, é às 11h e não às 11h10. Se tenho de treinar em dois períodos, então assim o faço. Se necessito repetir 100 vezes uma coisa, repito. Não tapo o sol com a peneira. Os que escondem se ferram. Outros se excedem no autoritarismo. Mas não é assim que deve ser. Existe a hora em que se deve mostrar a verdade. Ser bom significa mostrar a realidade. Há momentos em que é preciso entender o problema e aconselhar.

Você foi garoto-propaganda...

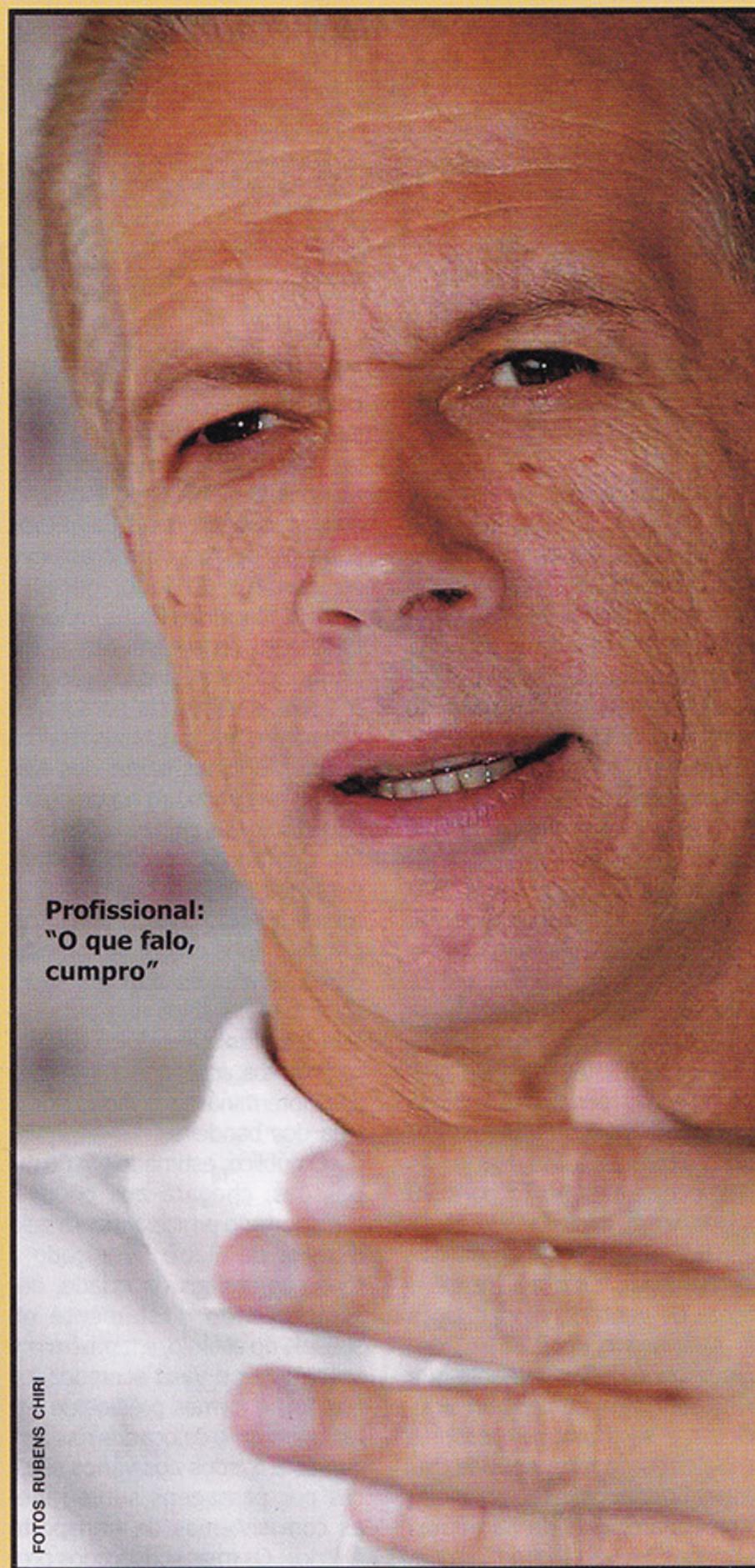
Me rotularam disso. Eu vendia produtos, na minha maneira de ser. Isso foi fruto da preocupação que tinha com minha imagem. Se fosse um bêbado, ninguém iria me pedir que fizesse propaganda. Só não fiz mais por causa do cachê.

Ainda hoje há muita mulher que suspira quando vê você!

Principalmente minhas filhas (risos). Uma coisa boa na pessoa consciente é que ela aprende a diferenciar os olhares, porque há o de admiração, o de interesse, o de carinho, o de respeito. Os bobos confundem e se dão mal. Tinha uma família estruturada atrás de mim que me deu muito apoio. Sou o caçula entre três. Meus irmãos são médicos. Abdiquei da medicina para fazer o que fiz.

Sua família aceitou numa boa?

Naqueles tempos, não existia numa boa, não. Me disseram: "Se não quer ser médico, você vai estudar". É lógico que estudei, mas fiz tudo que que-



Profissional:
"O que falo,
cumpro"

FOTOS RUBENS CHIRI

ria. Não houve problema nenhum. Uma coisa pode caminhar ao lado da outra.

Com tanto tempo de futebol, você viu muita coisa acontecer. O que melhorou e o que piorou?

Estou vivendo quatro décadas no futebol. Atualmente, o cara sai do campo, vai para a fisiologia, fisioterapia, piscina, musculação, massagem, sauna. Também teve uma evolução tremenda na alimentação. Acho

tudo isso legal. Mas, só isso, não acho, não. Sou de outra geração. Mais pragmática. O jogador, antes, tinha de fazer muito para ser aceito. Não só pela torcida como pela própria sociedade. Deveria provar que não era aquilo que falavam que ele era. Hoje, pelo fator financeiro, alguns deixaram de ser atletas. Passaram a ser celebridades, que, a meu ver, são aqueles que, toda hora, estão no vídeo. Artistas. Trabalhar com celebridade é duro.

O São Paulo trabalha, hoje, para driblar a crise do futebol e tornar-se um clube ainda mais vitorioso e repleto de glórias. Os dias que virão prometem

Por Luiz Celso de Piratininga, Carlos Bortole, Carlos Mesquita e Danilo Januncio

A única certeza que temos para daqui a 30 anos é que a bola continuará a ser redonda e o São Paulo FC um grande clube no cenário mundial. Mas não custa imaginar: dia 2 de outubro de 2030, para muitos (os que acreditam em 1930 como data de fundação) o São Paulo já completou 100 anos e comemora os 70º aniversário do Estádio do Morumbi. É uma quarta-feira, e à tarde começou a virar o tempo. Isso bastou para que a direção do estádio, prudentemente, fechasse sua cúpula translúcida e elevasse a temperatura ambiente para 22 graus centígrados. A noite será de festa. O Manchester United havia chegado pela manhã e feito o reconhecimento do gramado sintético de última geração algumas horas depois. Às 21h, com transmissão para 90 países, será iniciada a disputa pela liderança da Liga do Atlântico. No final, estarão frente a frente os vencedores das Ligas do Atlântico e do Pacífico, demonstrando definitivamente que o futebol venceu as barreiras oficiais e se tornou um esporte globalizado de fato. Apenas três clubes brasileiros participaram do campeonato, dois de São Paulo e apenas um do Rio de Janeiro (a propósito, o Tricolor foi o primeiro a se classificar).

Os torcedores dos dois times (sim, há adeptos do Manchester no Brasil como do São Paulo em

toda a Europa) serão monitorados pelo sistema de circuito interno inaugurado em 2004, mas sempre atualizado, e se acomodarão nos camarotes do Morumbi com seus celulares e palm tops capazes de reproduzir ao vivo as imagens do jogo, geradas pela TV Morumbi. Essas imagens passaram recentemente a ser enriquecidas pela captação dos mínimos detalhes da partida por nanocâmeras incrustadas nas bolas oficiais e nas traves dos dois gols, oferecendo um espetáculo à parte tanto dos impactos dos chutes quanto da reação dos adversários e que reluzem alegremente quando conseguem ultrapassar a linha do gol. As camisas das duas equipes dispõem agora de pequenos chips que possibilitam o controle eletrônico dos impedimentos, acabando com discussões intermináveis e facilitando a vida dos bandeiras.

O público, estimado em 60 mil pessoas, chegará aos poucos, transportado principalmente pelo sistema do Metrô interligado a todas as regiões da cidade, desembarcando diretamente no subsolo do estádio, e também por automóveis e Vans acomodados em dois enormes prédios de estacionamento colocados nas cercanias e ligados aos vários setores por passagens subterrâneas com sistemas de transporte elétrico. Os mais sofisticados preferem utilizar helicópteros que pousam e decolam em plataforma construída na área social. Todo sistema de venda de ingressos se processa por cartões pré-

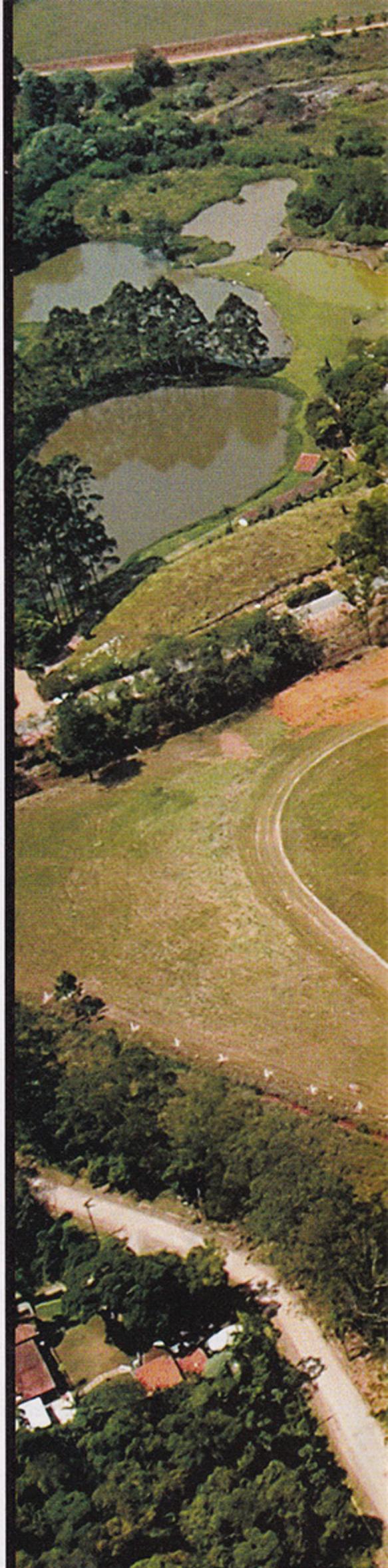
pagos que dão direito a determinado número de partidas ou a todo o campeonato, praticamente acabando com bilheterias e cambistas.

Aqueles que chegam mais cedo podem assistir a filmes nos oito cinemas do estádio e comer em seus inúmeros restaurantes e lanchonetes. Se sobra tempo, nada melhor que passear no Memorial e fazer compras nas butikues e lojas de lembranças existentes. Final da noite: o São Paulo venceu suado com gol de Dorinho nos últimos minutos e o som da batucada ecoa por todo o Morumbi. O diretor de Marketing que aguardava ansioso o final da partida, juntamente com os diretores do Futebol de Base e Financeiro, dirige-se ao aeroporto.

Vai ficar dez dias fora para reunir-se com os responsáveis pelos Centros de Treinamento de quatro países, onde o clube mantém escolas de futebol e disputa os campeonatos regionais.

NA VANGUARDA

Parte da história é ficção, mas com algumas pitadas de fatos reais. Os projetos que podem levar o São Paulo a outra esfera no futebol mundial já estão concretizados na cabeça de sua diretoria. Quando comparado a outros clubes nacionais, e até internacionais, pode-se dizer, sem receio, que o Tricolor paulista sempre esteve à frente em vários quesitos. Entre os quais, destacam-se a construção do Morumbi, maior estádio particular do mundo, o investimento nos esportes amado-



A trilha que leva



Futuro

Vista aérea do terreno, em Cotia, onde ficará instalado o novo CT Laudo Natel para as categorias de base: aproximadamente dez campos e abrigo para 100 atletas distribuídos em 220 mil m²

ao **futuro**

BATE-BOLA COM JUVENAL JUVÊNCIO, diretor de Futebol

Como o São Paulo Futebol Clube está se preparando para o futuro?

O problema é que não há uma situação isolada. O futebol é deficitário. Será assim eternamente enquanto não houver uma distribuição adequada de renda no País. A nossa receita vem da TV, que não paga a nossa conta; bilheteria de jogos, que, muitas vezes, dá prejuízo; e algumas placas. Temos um alto custo porque o jogador de futebol ganha muito mais do que permitiria nossa realidade. Clubes de países desenvolvidos estão quebrando.

Na Itália, Napoli, Lazio e Parma estão mal. Estou vendo o São Paulo num contexto global. Temos de ter opositores para jogar. A situação de todos é muito ruim, com pouquíssimas exceções. Aquele que tem liquidez hoje pode não ter até o final do ano. Quem faz futebol é o pé descalço e o mão calosa. E eles não têm dinheiro para ir ao estádio. Precisa haver uma melhor distribuição de renda. Mas o São Paulo é, realmente, a equipe que tem o maior patrimônio deste País, que possui uma história que pode ser alardeada no mun-

do inteiro. Hoje, o São Paulo é a grife do futebol brasileiro. É como o exterior vê o SPFC. Até quando nossos atletas chegam à Europa têm outro comportamento. Têm outra postura. Isso é uma coisa de formação. De escola. **Como a Lei Pelé interferiu na vida dos clubes?**

Ao contrário do que muita gente diz, quase a unanimidade, a Lei Pelé, com pequenas correções, é muito boa. O que se questiona nela é a Lei do Passe. Mas, antes de a lei vigorar, a Fifa já havia extinguido o passe. Temos de obedecer à instituição maior

do futebol. Mas uma coisa que precisa ser revista é perder jogador muito jovem. Eles levam embora nossos atletas formados na base. Tínhamos de ter uma legislação que segurasse mais esse jogador. Até, pelo menos, uns 23 anos.

Como o senhor imagina o futebol profissional do SPFC daqui a alguns anos?

O SPFC só tem a crescer. Até, lamentavelmente, pela fraqueza que vislumbro nos concorrentes, com pequenas exceções. Por outro lado, porque tem competência para administrar.

res, a concepção dos modernos departamentos físico e médico, a forte estrutura para a formação de novos talentos e a exportação de atletas com sua poderosa grife.

O fator, porém, que mais tem gerado renda ao clube, de alguns para cá, é exatamente a venda de jogadores para o exterior. Não é à toa que o São Paulo é considerado o maior fornecedor de craques da atualidade, ficando com o lugar que, há pouco tempo, era do River Plate, da Argentina. Com a negociação de feras de primeira, como Raí, Cafu, Denílson, Edmilson, Kaká e Júlio Baptista, entre inúmeros outros, a agremiação fez história. E dinheiro.

INVESTIMENTOS BÁSICOS

Buscando incrementar seus rendimentos, todos os departamentos do São Paulo usam a criatividade. Entre as atividades desenvolvidas, entretanto, a que

está relacionada ao futebol de base é a mais fundamental, pois representa a sobrevivência da equipe profissional na opinião unânime dos dirigentes tricolores. "Sem ele, os clubes morrerão", prevê Juvenal Juvêncio, diretor de Futebol. "Quem não trabalhar na base não vai viver de futebol. Quem não investir nela vai sumir", afirma Julio Martins, diretor do Departamento de Base.

O presidente Marcelo Portugal Gouvêa também pensa dessa forma. Por isso, a principal meta é incentivar, cada vez mais, as categorias inferiores. Gouvêa argumenta que, nos últimos dez anos, a agremiação vendeu um elevado número de jogadores formados no clube. "Atualmente, essa é a única maneira de o futebol brasileiro sustentar seus clubes."

A base, no São Paulo, é dividida entre o dente-de-leite, o infantil, o juvenil, o júnior e o aspirante. Como se imagina, não é

tarefa fácil organizar esses cinco times, porque, por trás de cada um, há uma sólida estrutura que envolve um elevado número de funcionários, tanto da parte técnica quanto da administrativa. Afora isso, Julio Martins lembra que as avaliações também exigem atenção e demandam tempo. Elas ocorrem a cada 60 dias nas escolas licenciadas, que existem também em alguns países da Ásia, como Coréia do Sul e Taiwan.

Nesses celeiros, a peneira é feita pelos treinadores locais, que, depois, encaminham os atletas. "Temos feito seleção de garotos de 12 ou 13 anos. Mandamos para o Japão em setembro um grupo que disputou um torneio com equipes do mundo inteiro. Fomos campeões", revela Julio. "Não perdemos nenhum jogo. Agora em outubro, irá outro grupo, formado de meninos das escolinhas, para disputar mais um campeonato internacional."

A atividade, porém, não visa

apenas à produção de valores. "Antes de serem profissionais, queremos que sejam homens." Para que todos possam jogar, sem nenhuma exceção, precisam estar matriculados e estudando. Hoje, os 80 garotos alojados no CT de Barueri estão no colégio. O clube ainda tem como parceiro a faculdade Campos Salles, de São Paulo.

CT LAUDO NATEL

Imbuído nessa mentalidade, o São Paulo adquiriu, recentemente, um haras desativado em Cotia, interior do Estado, para a construção de um Centro de Treinamento próprio que levará o nome do ex-presidente e patrono são-paulino Laudo Natel. O terreno, com 220 mil metros quadrados, possibilitará uma economia de, pelo menos, 50% em relação ao que a base gasta hoje, treinando em Barueri.

Até o final de 2004, três ou

Continua na página 29 >>

A cúpula tricolor reunida no novo CT, em Cotia: a realização de um velho sonho





Leandro Guilherme

NOME
LEANDRO Marques GUILHEIRO

NASCIMENTO
07/08/83

LOCAL
Suzano - SP

MODALIDADE
Judô

CATEGORIA
Leve

ALTURA
1,76m

PESO
73 kg

TÍTULOS
Medalha de bronze na Olimpíada de Atenas 2004, Campeão Mundial Júnior/2002, Campeão Pan-Americano/2002, Campeão da Copa Simon Bolívar 2004, Campeão Brasileiro 95/97/2000/2002 e Campeão Paulista 91/92/93/95/97/99/2000/2001/2002



NOME
ANTÔNIO TENÓRIO da Silva

NASCIMENTO
24/10/70

LOCAL
São Bernardo do Campo - SP

MODALIDADE
Judô

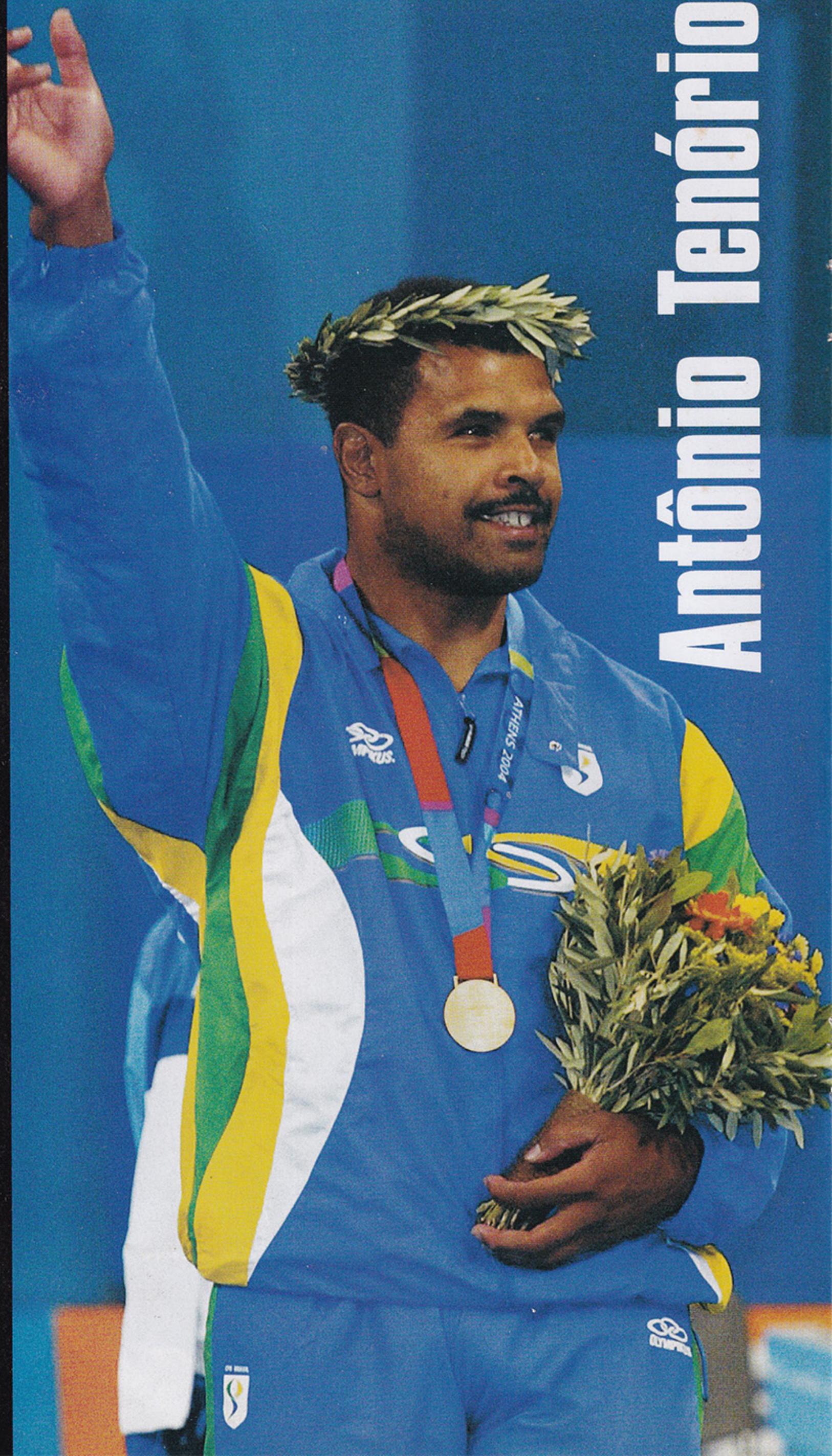
CATEGORIA
Meio-pesado

ALTURA
1,80m

PESO
90 kg

TÍTULOS
Tricampeão Paraolímpico,
Decacampeão Brasileiro,
Vice-campeão Mundial, duas
vezes terceiro colocado no
mundial, Bicampeão Alemão e
Bicampeão Pan-Americano

MARCA HISTÓRICA
Em 20 de setembro, o judoca
Antônio Tenório da Silva
sagrou-se tricampeão
paraolímpico de judô (já havia
vencido em Atlanta/96 e
Sidney/2000), na categoria
meio-pesado B1 (deficientes
visuais), em Atenas, Grécia.
O atleta são-paulino venceu o
chinês Ming-Run-Nen na final.
Com a conquista do
ouro, Tenório entrou para a
história do esporte
paraolímpico do Brasil.



Antônio Tenório



Equipe de Aeróbica do SPFC

Campeã Brasileira Individual Feminina e Equipe Adulta



TIME DE FERAS

Comandada por Luciana July, a equipe de aeróbica tricolor sagrou-se campeã brasileira de 2004, em torneio realizado em Maceió, no mês de setembro. Mais uma vez, as atletas Marcela Mattos Lopez, Marina Lopes e Cibele Oiani brilharam — já que, no primeiro semestre do ano, o trio conseguiu ótimos resultados internacionais, como o bicampeonato do Suzuki World Cup, no Japão, e o Mundial da Bulgária. Além delas, os ginastas Gabriel e Anita também saíram vitoriosos do campeonato nacional.



NOME
Jenilson Ângelo Souza - JÚNIOR

NASCIMENTO
20/06/1973

LOCAL
Santo Antonio de Jesus - BA

POSIÇÃO
Lateral-esquerdo

ALTURA
1,73m

PESO
65 kg

CLUBES
Vitória, Palmeiras, Parma e Siena

PRINCIPAIS TÍTULOS
Campeonato Baiano, Campeonato Paulista, Copa do Brasil, Copa Mercosul, Copa Libertadores da América, Torneio Rio-SP, Copa da Itália e Copa do Mundo Coréia/Japão

PRÊMIO
Bola de Prata da revista *Placar* melhor lateral-esquerdo de 1998

Júnior

Reffis: tratamento e prevenção de lesões com os mais modernos equipamentos que existem no mercado



quatro campos deverão ficar prontos. O local, entretanto, contará com dez. A localização é outro ponto de destaque. A 30 minutos do Estádio do Morumbi, tem rápido acesso pelas rodovias Raposo Tavares e BR-116. Já foram aprovadas, por uma comissão especial montada especialmente para a organização do novo CT, a construção de uma entrada para veículos, a reforma e a edificação de, aproximadamente, 30 apartamentos com banheiro próprio, armários e televisores, que alojarão cerca de 100 jogadores.

De acordo com José Roberto Canassa, vice-presidente de Patrimônio, a primeira etapa para a concretização do CT - que inclui limpeza, reparos, desobstrução de rios e córregos, levantamento de divisas da propriedade e plano altimétrico - já foi concluída. O próximo passo será a continuação dos anteprojetos e projetos. "A perspectiva é de que, em janeiro de 2005, estejamos inaugurando alojamentos, refeitório e salas de estudos e jogos. Os campos, porém, precisarão de um pouco mais de tempo para ser utilizados."

MAS NEM TUDO SÃO FLORES

Apesar de o São Paulo investir pesado para continuar entre os primeiros, a Lei Pelé, que praticamente extinguiu o vínculo entre jogador e formador, pode compli-

car um pouco seus planos, assim como os de seus concorrentes.

Antes de ela ser promulgada, em uma eventual transferência, o clube do qual saía o atleta recebia uma indenização que se estendia por uma década ou até o jogador completar 30 anos. Mas, com sua aprovação, as agremiações ficaram sem garantia de retorno dos investimentos que fizeram na formação de seus craques. "Quando se eliminou o passe, o clube perdeu uma série de regalias", afirma Kalil Rocha Abdala, diretor do Departamento Jurídico. Segundo ele, boa parte do faturamento das entidades futebolísticas ficou ameaçada.

Em recente artigo no jornal *O Globo*, Joel Teppet, que foi dirigente do Flamengo, é categórico quando descreve os efeitos da lei. "Antes, os grandes times (*européus*) compravam os grandes jogadores. Os melhores. Depois, passaram a comprar as promessas. Agora, já estão comprando a garotada. Por isso, muitas vezes ouvimos falar de um brasileiro que está fazendo sucesso lá fora. E nem os jornalistas mais informados sabem quem ele é", analisa. O técnico Emerson Leão segue o raciocínio. "Temos de dar uma parada nisso. A Lei Pelé foi problemática para os clubes. Tem muita gente pensando bastante antes de inves-

OS CRAQUES DO FUTURO JÁ SÃO REALIDADE

De preferência, altos, mas não necessariamente. Os mais baixos não serão excluídos. Entretanto, fortes, como Júlio Baptista, velozes, como Kaká (*acima*), e resistentes, como Cafu. Esse é o perfil do jogador do futuro, que, na realidade, atua hoje. Muitos dos mais bem preparados atletas do mundo saíram do São Paulo, o que significa dizer que o clube também está na vanguarda em termos de medicina esportiva e preparação física.

Em dezembro de 2003, por exemplo, o Tricolor inaugurou o Reffis, Núcleo de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica, com modernos equipamentos, avaliados em US\$ 300 mil, cedidos pela empresa Life Fitness. Lá, é possível tratar de lesões, mas, também, preveni-las, o que o São Paulo faz com maior intensidade. "Além de melhorar a performance do atleta, o trabalho que realizamos é prevenção para que ele não se lesione e até tenha uma vida útil maior", explica Carlinhos Neves, preparador físico do Tricolor.

Muitos são os jogadores que estão em agremiações do exterior e que utilizaram essa infra-estrutura. Há pouco tempo, Fábio Aurélio, Roque Júnior, Belletti e França usaram os aparelhos do Reffis. "Ou estavam se recuperando ou se preparando para voltar para os seus clubes para realizarem pré-temporada", explica Neves.

Em 2001, assim que subiu para o profissional, Kaká passou por um programa científico que lhe rendeu 11 quilos de massa muscular. O tratamento feito por ele tornou-se referência. Mostrou os frutos de um ótimo trabalho interdisciplinar, realizado entre as áreas de Fisiologia, Fisioterapia, Nutrição e Preparação Física. Ou seja, no São Paulo Futebol do Clube, o atleta já está preparado para enfrentar o futebol jogado com mais força e rapidez.



A ALMA DO NEGÓCIO

Transformada em área estratégica nos últimos anos, a comunicação são-paulina tornou-se ferramenta importante. "Há pouco mais de dois anos, iniciamos um projeto que objetivava a valorização e a qualidade da informação gerada pelo São Paulo. Por meio de nossos principais veículos, como a Revista e o Site Oficiais, o Informativo aos sócios e o Projeto Sócio-Torcedor, começamos a criar uma cultura entre o clube e os seus públicos interno e externo baseada na credibilidade", sustenta Luiz Celso de Piratininga, diretor de Comunicações.

Para ele, canais de diálogo abertos com torcida, associados e imprensa são imprescindíveis para o fortalecimento de qualquer agremiação esportiva. "Há décadas, os dirigentes de futebol, com raras exceções, carregam uma imagem desgastada e não será da noite para o dia que isso vai mudar. Somente ações administrativas transparentes ao grande público ajudarão os clubes a criar ambientes propícios para a 'desconstrução' do estereótipo do cartola mal-intencionado. O São Paulo está fazendo a sua parte", afirma.

tir, porque o retorno é pequeno. Em compensação, para o 'empresariado' está sendo maravilhoso." Uma das saídas encontradas pelo São Paulo foi começar a assinar, com seus craques, um tipo de contrato que abrigue uma cláusula de renovação automática. Dessa forma, o atleta não se acomoda e o clube pode negociar aqueles que não corresponderem tecnicamente.

Roberto Natel, vice-presidente administrativo, diz que todos os clubes terão de buscar, cada

vez mais, a profissionalização de suas atividades. "O futebol brasileiro tem de se moldar à situação econômica em que o País se encontra. E o São Paulo é uma das agremiações que mais têm se adequando a essa realidade", opina. A redução de salários praticada no futebol é um indício dessa política já adotada pelo SPFC. Fomos o único time do Estado a fechar o ano no azul," completa Natel.

Um dos principais problemas dos clubes brasileiros diz respeito

a ações trabalhistas de ex-empregados. Antonio José Baptista Ferreira, diretor-administrativo, garante que o São Paulo, com seus mais de 500 funcionários, está minimizando, ao máximo, os efeitos dessa grave anomalia com muita transparência. "Temos tido o cuidado de cumprir aquilo que manda a legislação. Os processos trabalhistas diminuíram muito nos últimos anos, pois procuramos resolver todos os detalhes no âmbito administrativo. Estamos em permanente contato com os mais variados órgãos governamentais".

Como a folha de pagamento é onerosa, o Tricolor recorre a outros recursos para aumentar a receita. "O São Paulo tem imaginação e explora o Morumbi. Mas também existe uma série de contratos feitos pelo Departamento de Marketing, o que gera uma receita muito variada", afirma Abdala.

MORUMBI ARENA

O Marketing é um dos departamentos que mais vêm estudando ações. Fazem parte de sua cartilha a locação do estádio para shows e eventos, o envelopamento do Morumbi, a procura por novas parcerias e o combate à falsificação de seus produtos oficiais.

"O Morumbi é muito grande para ficar sem atividades e com jogos somente a cada 15 dias", acredita Marcio Sanzi, diretor do Departamento de Marketing. A intenção é fazer do estádio uma arena multiuso. "Tanto é que tivemos um grande espetáculo internacional que trouxe um público maravilhoso." No dia 11 de setembro, o grupo californiano Linkin Park reuniu cerca de 60 mil pessoas no Morumbi.

Uma das principais vantagens da arena será a captação finan-

ceira, que poderá ser muito maior do que a gerada nas partidas de futebol durante todo o ano. "O Morumbi, bem trabalhado, poderá gerar uma receita de até R\$ 2 milhões/ano com atividades que não estão ligadas ao futebol", argumenta Marcelo Martines, vice-presidente do SPFC e de Marketing e Comunicação.

Para a consolidação desse projeto, existem, ao menos, duas atitudes a serem discutidas. A primeira é a construção de mais camarotes. Cinco já foram erguidos e mais 20 devem sair do papel em breve. "Serão camarotes de 25 lugares, com muito conforto. Atualmente, como o investimento é alto, nós os vendemos na planta para uma empresa. Ela paga a construção e fica com eles por três anos", complementa o presidente Marcelo Portugal Gouvêa.

E a segunda pode ser a troca da grama natural por outra de origem sintética. O clube já fez uma experiência com esse tipo de piso. E aprovou. No início de 2004, inaugurou um campo, em conjunto com a empresa Soccer Grass, na sua sede social, com o material indicado, de proporções semelhantes às do Morumbi (108m x 72m). Agora, ele pode ser usado até 40 jogos por semana e em qualquer situação climática. Antes, porém, com o gramado vegetal, costumava ficar fechado até quatro meses por ano.

Quando o assunto é parceria, o Tricolor não dorme em serviço. Nos últimos meses, fechou, entre outros, acordos para o desenvolvimento do projeto de comunicação visual do Morumbi. Esse é um dos primeiros passos para o envelopamento do estádio, que deverá trazer receita

Grama sintética: novidade existente na sede social do clube



BATE-BOLA COM MARCELO PORTUGAL GOUVÊA, presidente

Muito tem se falado que o governo poderia ajudar os clubes. De que maneira?

Primeiro, ele poderia criar um Refis (Programa Governamental de Refinanciamento de Dívidas) só para clubes de futebol. Seria totalmente diferente do que existe para as empresas. Segundo, a Lei Roaunet, por exemplo, permite investimento na cultura. Geralmente, grandes entidades, como bancos, têm espaço cultural pelo qual não pagam imposto de renda. Elas investem um teto permitido. É preciso fazer algo parecido para os clubes. Outra maneira é a seguinte: grande parte das agremiações tem esportes olímpicos. É o caso do São Paulo, que, por menos que invista, possui um gasto muito grande. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) tinha de destinar uma verba

para os clubes, mas não o faz. O capital injetado seria gasto no esporte olímpico. Dessa maneira, liberaríamos o que usamos no esporte olímpico para o futebol. Mais uma idéia: hoje, as equipes recebem da loteria esportiva uma quantia ridícula. Mas quem são os artistas dela? Os próprios clubes. Então, 50% do rendimento líquido da loteria deveria ir para eles, que terminam ganhando 1% ou 2%. Sem o governo tirar dinheiro do bolso, ele pode ajudar. Infelizmente, não estamos conseguindo isso.

O que as parcerias têm trazido de positivo ao SPFC?

Diríamos que, ainda, estamos engatinhando nisso. O Manchester United, por exemplo, comprou um jogador do São Paulo de 15 anos que nem eu conhecia. E pagaram alto. Recentemente, tivemos na In-

glaterra vendo as instalações deles. Nosso nome ficou bastante conhecido lá. Esperamos que, no futuro, isso comece a ter algum retorno. No estágio atual, diria que estamos voltando a ser conhecidos no mundo para, numa etapa próxima, começarmos a ter retorno financeiro. O que todos os clubes com os quais temos acordos querem é intercâmbio de jogadores. Só que nenhum atleta deles vem para cá e emplaca. Mas os nossos vão e emplacam. Isso também será, futuramente, uma fonte de receita.

Por que o SPFC nunca fez parceria do tipo Palmeiras/Parmalat?

Palmeiras, Corinthians e outros clubes fizeram, mas nenhuma deu certo. A do Palmeiras foi um pouco melhor, pois fortaleceu sua equipe

que voltou a ganhar títulos. Mas não teve nenhum lucro. A Parmalat, que comprava e vendia os jogadores, é que ficava com o dinheiro. O São Paulo, prudentemente e de forma consciente, começou a estudar esse assunto quatro anos atrás. Quando estávamos maduros e tínhamos até um modelo, fizemos um estudo para ver quanto valia a marca do SPFC, as parcerias caíram em desgraça por causa do insucesso das outras. Depois disso, ninguém mais quis investir. Hoje, diríamos que o Tricolor, por uma circunstância que, na ocasião, não era conhecida, fez muito bem de não fechar acordo algum. Atualmente, o São Paulo está feliz sozinho, dono de tudo que é seu, sem ter parceria com ninguém. Se aparecer alguma coisa boa, tranquila, estudaremos.

mensal extra por meio de um contrato de dois ou três anos. Placas de publicidade serão colocadas nas partes interna e externa do Morumbi, permitindo a exploração do intenso fluxo diário de carros ao seu redor. E não pára por aí. Marcio Sanzi garante que o departamento está procurando diversas empresas para que licenciem produtos do Tricolor.

"Às vezes, você quer presentear um amigo com um produto do São Paulo, do Corinthians ou do Santos, e só encontra, na maioria das vezes, camisetas." Segundo ele, pode ser oferecida uma enorme gama de opções que ajudaria a incrementar a renda do clube. "Estamos trabalhando nesse sentido." Martines corrobora a visão de Sanzi: "A intenção é crescer nesse mercado que ainda é pouco explorado".

O Departamento de Marketing também está à procura de empresas multinacionais que queiram investir no CT Laudo Natel. "Como forma de pagamento, elas poderiam ter direito a um porcentual, durante determinado período, na venda de jogadores formados na base", explica Sanzi.

A agremiação paulista ainda mostra fôlego para correr atrás de contatos internacionais. No ano passado, aproximou-se do



Um dos modernos camarotes do Morumbi: mais 20 devem sair do papel em breve

Manchester United, da Inglaterra. Recentemente, os ingleses adquiriram um atleta formado nas categorias de base da equipe brasileira. Mas o garoto só irá, em definitivo, assim que completar 18 anos. Na Espanha, existe o São Paulo Madrid, que disputa a Terceira Divisão. Na China, o Liaoning, filial tricolor, acabou de completar um ano de vida. Em breve, a equipe deve jogar torneios oficiais. Também há parceria com o Los Angeles Galaxy, dos EUA, time que mantém três jovens norte-americanos treinando no Brasil. "Este trabalho que vem sendo desen-

volvido com executivos norte-americanos é diferente do praticado por outros clubes brasileiros. Esta é uma parceria em que a reciprocidade ocorre de acordo com as partes. Nós temos técnica e conhecimento aprofundado. E eles, organização, recursos e vontade de desenvolver", acrescentou Martines sobre a ligação com o time de Los Angeles.

Quanto à pirataria, mal que também atinge o mercado futebolístico brasileiro, o objetivo é combatê-la. Por iniciativa do Marketing são-paulino, foi criado o G4, grupo que engloba o

Marketing dos quatro maiores clubes do Estado (além do SPFC, Corinthians, Palmeiras e Santos). "Estamos realizando reuniões periódicas nas quais são discutidos os mais variados assuntos. Em breve, divulgaremos uma carta de intenção sobre as ações conjuntas a serem tomadas pelo grupo", revelou Martines.

ESTATUTO CUMPRIDO

Se todas essas estratégias para aumentar a lucratividade estão em pauta, João Paulo Jesus Lopes, diretor de Planejamento e Desenvolvimento, en-



Sistema de monitoramento: uma das exigências feitas pelo Estatuto do Torcedor; o SPFC é o único clube brasileiro que cumpre todas as determinações

che, ainda mais, os são-paulinos de esperanças. Afinal, ele afirma que, atualmente, o Tricolor cumpre, à risca, o Estatuto do Torcedor, lei federal que exige melhorias em estádios e maior segurança aos torcedores, o que pode aumentar, de maneira sensível, o público nas partidas. "O SPFC é o único que cumpre, inte-

gralmente, o estatuto em todas as suas disposições", garante Jesus Lopes.

Como o texto valorizou os direitos do torcedor e impôs uma série de obrigações aos dirigentes esportivos e aos organizadores do evento, o Morumbi passou pelas melhorias solicitadas. Nele, foi inaugurado, em setembro, um dos

maiores e mais modernos sistemas de monitoramento do mundo. São 64 câmeras espalhadas por todos os setores do estádio. No quesito alimentação, o São Paulo fechou acordo com o Habib's, rede de fast-food que oferece, por preços adequados à realidade dos torcedores, comida de qualidade.

De todos os fatores previstos pelo Estatuto, entretanto, um dos mais importantes é o que diz respeito ao sistema de venda on-line de ingressos. O bilhete já pode ser comprado até 15 dias antes da partida. A implementação de tal mecanismo está dificultando a ação dos cambistas.

INDEPENDÊNCIA

A área Social do clube, que, ao lado do futebol profissional e do estádio, forma o triângulo estrutural tricolor, prevê, de acordo com suas ações, um futuro promissor. "Com base no bom número de associados que temos, a área Social, que envolve as Diretorias de Esportes Amadores, Social, Futebol Social e Tênis, deve, futuramente, tornar-se independente do estádio e do futebol em relação a sua sustentabilidade", afirma Paulo Elysio de Andrade, vice-presidente social.

Um dos exemplos citados pelo dirigente são os Esportes Amadores. "Nossa idéia é oferecer aos associados, até determinada faixa etária, toda a infra-estrutura necessária para sua formação es-

portiva. Na categoria que envolve modalidades competitivas, nossa intenção são as parcerias e os patrocinadores. Só assim ficaremos fortalecidos", salienta.

Domingos Ferreira de Moraes, diretor de Esportes Amadores, também aponta a importância da autonomia para o desenvolvimento das modalidades no clube. "O judô e o boxe têm parcerias com academias, que são utilizadas pelos atletas tricolores. Nos esportes coletivos, as prefeituras cedem aos são-paulinos a infra-estrutura da cidade para treinos; no caso do futsal, o acordo é com o município de Santo André, mas ainda há o patrocínio da Topper, que não é suficiente para cobrir todas as despesas. Já o handebol, o basquete e a ginástica rítmica contam com o apoio de Guarulhos", esclarece Moraes, que acredita ser, no caso do vôlei e do futebol de salão, um pouco mais fácil conseguir patrocinadores por tratar-se de esportes com visibilidade maior por conta da exposição nos canais de TV.

Para ele, entretanto, o São Paulo deve selecionar, no futuro, três esportes individuais e três coletivos para investir a longo prazo. "Espero que os próximos presidentes não fujam desse foco. Se houver uma seqüência de diretorias que sigam isso, vislumbro um futuro muito bom."

Colaborou A. Jefferson Scotti

NOVA SEDE SOCIAL

Entre as diversas trilhas para o futuro do São Paulo, deve-se destacar a construção de sua nova sede social. Um sonho antigo dos associados. A verba destinada a essa realização está separada. Isso é o que afirma José Roberto Canassa, vice-presidente de Patrimônio. "Estamos reiniciando as obras em virtude de termos conseguido os devidos alvarás e uma verba destinada pelo presidente Marcelo Portugal Gouvêa até o final do ano."

Após alguns problemas enfrentados para a edificação da sede, que precisava de uma licença da prefeitura para a retirada de árvores, o projeto está pronto. José Reis July, diretor social, é um dos mais animados com a possibilidade de uso do novo espaço. "O São Paulo pode se tornar um grande pólo cultural, voltado não apenas para o associado, mas para a cidade. Levando em consideração também o projeto de implementação do metrô na região, com uma rede de transportes eficiente, sem dúvida, o São Paulo será um local de importância regional".

Os projetos em andamento no clube vão ao encontro das necessidades dos associados. "Queremos transformar o espaço do clube em um ambiente saudável para a juventude, em que se pratiquem o respeito à sociedade, o valor da família e a consciência ambiental, ecológica e cidadã", diz.

"A nossa Central de Atendimento, por exemplo, já foi um grande passo em termos de qualidade do relacionamento com os sócios e freqüentadores. Tudo vai evoluindo aos poucos. Mas são as pequenas coisas que, somadas no final, resultarão num grande projeto. E não só físico como humano", complementou.

Rogério Ceni comemora 14 anos de "casa"

Um dos maiores ídolos da história do São Paulo Futebol Clube, Rogério Ceni, goleiro e atual capitão do time, completou, em 7 de setembro, 14 anos de casa. Ele chegou ao Morumbi em 1990, com 17 anos, vindo do Mato Grosso. "Fiz meu primeiro treino em um sábado. Entrei durante o coletivo no lugar do Zetti e tomei apenas um gol. Aliás, foi muito bonito, feito por Leonardo, de cobertura", contou Ceni, que surpreendeu Gilberto de Moraes, preparador de goleiros naqueles tempos. "Fizemos uma avaliação e, no final, mandei inscrevê-lo. Percebi que ele tinha predicados e potencial para nos ajudar", revela Moraes, hoje coordenador do CCT. Rogério Ceni é, atualmente, o principal ídolo da torcida, que vibra não somente com suas brilhantes defesas, mas também com os gols de cobranças de falta que o consagraram como o goleiro-artilheiro. Além disso, ele é o terceiro jogador que mais vestiu a camisa do clube (555) e primeiro em Brasileiros (217). "É muito bom poder jogar no time de que gosto e com o qual tenho uma identificação enorme. O São Paulo, além de ajudar a minha formação como atleta, ajudou a me formar como homem. Isso é muito importante", conta o goleiro, que admite: "É uma história que não vai ter fim, pois vou ser são-paulino para sempre". **(Cinthia Savino)**

Amor eterno:
"Vou ser são-paulino
para sempre"

A marca do
artilheiro: 118 gols
em 160 jogos
pelo São Paulo

Luís Fabiano deixa saudade

Uma das principais referências do Tricolor nas últimas temporadas, Luís Fabiano transferiu-se para o futebol europeu. O atacante acertou sua ida para o Porto, atual campeão da liga daquele continente, no final de agosto. A agremiação portuguesa disputará o título do Mundial Interclubes, no final do ano, com o Once Caldas, equipe que desclassificou o São Paulo na Libertadores. O ex-são-paulino deixou saudade. Em 160 partidas disputadas com a camisa das três cores, balançou as redes 118 vezes. Com esse número, tornou-se o 11º artilheiro da história do clube e o segundo em média de gols por jogo (0,737), ficando atrás apenas de Friedenreich (0,81). **(Carlos Mesquita)**

Meu pé esquerdo

Aguerridos, não foram poucos os laterais, todos canhotos talentosos, que marcaram época no São Paulo e entraram para a galeria de principais ídolos do clube

Por Zé Rodolfo Muñoz

No dicionário, a palavra canhoto é definida como aquele que é mais hábil com a mão esquerda. Mas também tem o sentido de pessoa desajeitada. No passado, quem escrevia com ela era alvo das mais absurdas superstições. Ainda hoje, porém, costuma-se dizer que, se alguém puser, primeiro, o pé esquerdo no chão após levantar-se da cama, por exemplo, terá azar durante o dia inteiro.

Crendices à parte, no futebol os que batiam, e batem, com o pé esquerdo - que, para a maioria dos jogadores, serve apenas como apoio - sempre foram considerados especiais. Contrariando as classificações dos dicionários, craques ca-

nhotos destacaram-se pelo talento que possuíam. Atuando na lateral-esquerda do Tricolor, alguns desses atletas diferenciados entraram para a história do futebol brasileiro e mundial.

Na sua primeira década de existência, o São Paulo teve Alves, Abate, Sasso e Orozimbo, "alfo-esquerdo" - nome pelo qual eram chamados os atletas da posição na época - recordista em número de jogos pelo clube no período de 30. Ele usou a camisa são-paulina 138 vezes. Por conta de seu longo pescoço, recebeu o apelido de "Ganso".

Já os anos 40 foram marcados por Alfredo Eduardo Noronha, atleta recentemente falecido, que, para muitos, formou, juntamente com Ruy Campos e José Carlos Bauer, a melhor linha média de todos os tempos. "Nos entrosamos tanto, que os jornalistas diziam que jogávamos por música", declarou em cer-

Nelsinho: regularidade e títulos

ta oportunidade. Naqueles tempos, o esquema tático era o 2-3-5, em que o lateral-esquerdo, com raras exceções, completava o trio de meio-de-campo.

Gaúcho de Porto Alegre, Noronha - após rápida passagem pelo Vasco da Gama - apresentou-se ao São Paulo em julho de 1942. Foi centromédio antes de ser deslocado para a esquerda. No novo setor, consagrar-se-ia conquistando cinco títulos paulistas. Graças à sua maneira peculiar de cobrar os laterais contorcendo o corpo, ficou conhecido por "Cobrinha". A respeito dessa curiosa maneira de bater os arremessos, o jornalista Alberto Helena Jr., colunista do jornal *Diário de São Paulo*, escreveu certa vez: "Havia mesmo quem ia ao Pacaembu, lá pelos anos 40 e 50, só para vê-lo recolher a bola e elevá-la com as duas mãos por trás da cabeça, gesto que se completava com um movimento sinuoso, como uma serpente encantada pelo som da flauta. Lance completado, a galera prorrompia em aplausos".

Na Copa de 50, sem explicações, o são-paulino disputou apenas uma partida como titular, no empate por 2 a 2 com a Suíça, no Estádio do Pacaembu. Nas outras, foi substituído por Bigode, do Flamengo, atleta, tecnicamente, mil vezes inferior a Noronha.

OS APELIDOS DIVERTIDOS E INUSITADOS

A tradição dos apelidos inusitados foi mantida com o sucessor de Noronha, o ambidestro Alfredo Ramos, que tornou-se "O Polvo" pelo fato de amortecer a bola com as longas pernas, em vez de usar a cabeça ou o peito. Técnico e habilidoso, experimentou várias posições com a camisa tricolor. Foi, porém, na lateral-esquerda que fez a esmagadora maioria de suas 285 partidas pelo clube. Campeão estadual em 1953, transferiu-se para o Corinthians. Entretanto, voltaria ao Morumbi em 1972, na condição de treinador, para dirigir os invictos vice-campeões paulistas daquele ano.

No time em que brilhavam Canhotoiro, De Sordi, Mauro Ramos de Oliveira, Zizinho, Poy e Maurinho, o discreto Riberto desempenhou, com eficiência, seu papel pela esquerda. O plantel de que foi integrante estava

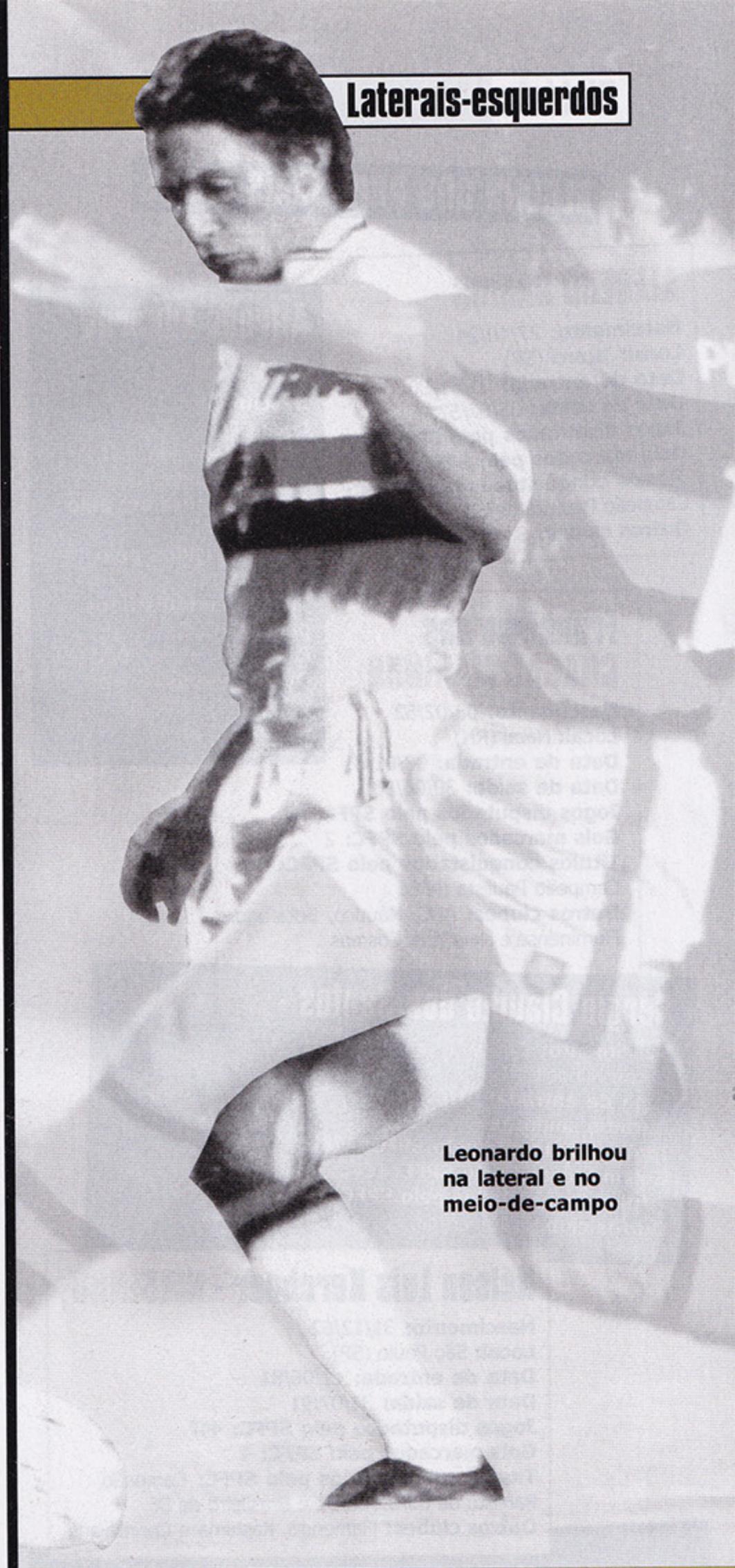
adotando o 4-2-4, implementado, de modo pioneiro no Brasil, pelo genial húngaro Bela Gutman. O atleta, vindo do Ipiranga, destacou-se pela regularidade. O curioso é que, raramente, passava do meio-de-campo, como a maioria dos jogadores que atuavam na posição naqueles tempos.

Mais adiante, nos anos 60, a torcida seria testemunha da raça do catarinense Tenente, cujo estilo era destemido. A princípio reserva do sulista, um garoto simples chamado Gilberto seria efetivado em 1970. Dono de extrema velocidade, ganhou um apelido que iria acompanhá-lo pelo resto da vida, e que faria jus ao seu sempre presente bom humor e suas gargalhadas espalhafatosas: Gilberto Sorriso - três vezes campeão paulista pelo São Paulo (70/71/75). Já no período em que os laterais apoiavam o ataque, constantemente ele chegava à linha de fundo para cruzar bolas na área adversária.

Dando seqüência à saga dos bons laterais tricolores, o ambidestro Antenor, popularmente conhecido como "Bionicão" (referência a um desenho animado dos anos 70, em que o protagonista era um cachorro com superpoderes), chegou em 1977. E foi brilhante na final que rendeu ao clube o título brasileiro do mesmo ano. Assim como o personagem da TV, o jogador mostrava enorme vigor físico. Suas cobranças de falta eram impressionantes. Diz a lenda que, em uma partida no Pacaembu contra o Corinthians, o goleiro Jairo, ao encaixar um chute dado por Antenor, teria caído no gramado por conta de uma enorme falta de ar.

Se o setor esquerdo manteve-se em alta até aquele momento, na seqüência, com Chico Fraga, ex-Inter de Porto Alegre, foi um pouco diferente, pois ele conseguiu, no máximo, ser discreto no Paulistão de 1979.

Os anos 80, porém, voltariam a ser maravilhosos. O fantástico time dirigido por Carlos Alberto Silva sagrou-se campeão estadual. Titular, o garoto Airton disputou 91 partidas, sendo sucedido pelo polêmico Marinho Chagas. Natural do Rio Grande do Norte, ele apoiava o ataque com extrema categoria. Foi com o potiguar - e com Formiga no comando técnico -, que o clube conquistou o bi paulista em 1981. Antes de defender o Tricolor, Marinho esteve



Leonardo brilhou na lateral e no meio-de-campo

MUDAR PARA MELHOR

Muitos são os torcedores que esquecem que Ronaldo Rodrigues de Jesus, ou simplesmente Ronaldão, era lateral-esquerdo antes de ser deslocado para a quarta-zaga e participar da fase mais vencedora da história do clube, com direito a dois títulos mundiais. Ronaldo era sinônimo de raça e dedicação, predicados que, unidos a sua força física, levaram-no à seleção brasileira tetracampeã de 1994. Mas, indiscutivelmente, sua maneira de jogar cresceu após o remanejamento para a zaga.

ALGUNS DOS PRINCIPAIS NOMES

ALFREDO RAMOS

Nascimento: 27/10/24
Local: Jacareí (SP)
Data de entrada: 01/01/50
Data de saída: 05/07/57
Jogos disputados pelo SPFC: 285
Gols marcados pelo SPFC: 3
Títulos conquistados pelo SPFC:
Campeão Paulista de 53
Outros clubes: Santos e Corinthians

Alfredo Eduardo NORONHA

Nascimento: 25/09/18
Local: Porto Alegre (RS)
Data de entrada: 10/07/42
Data de saída: 17/10/51
Jogos disputados pelo SPFC: 301
Gols marcados pelo SPFC: 14
Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 43/45/46/48/49
Outros clubes: Grêmio, Vasco da Gama e Portuguesa de Desportos

Francisco das CHAGAS MARINHO

Nascimento: 08/02/52
Local: Natal (RN)
Data de entrada: 07/01/81
Data de saída: 30/06/83
Jogos disputados pelo SPFC: 82
Gols marcados pelo SPFC: 2
Títulos conquistados pelo SPFC:
Campeão Paulista de 81
Outros clubes: ABC, Náutico, Botafogo, Fluminense e New York Cosmos

Sérgio Cláudio dos Santos - SERGINHO

Nascimento: 27/06/71
Local: Nilópolis (RJ)
Data de entrada: 01/03/96
Data de saída: 06/99
Jogos disputados pelo SPFC: 178
Gols marcados pelo SPFC: 05
Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 98
Outros clubes: Itaperuna, Bahia, Flamengo e Cruzeiro

Nélson Luis Kerchner - NELSINHO

Nascimento: 31/12/62
Local: São Paulo (SP)
Data de entrada: 11/06/81
Data de saída: 31/07/91
Jogos disputados pelo SPFC: 447
Gols marcados pelo SPFC: 4
Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Paulista de 85/87/89/91 e Brasileiro de 86
Outros clubes: Flamengo, Kashima e Corinthians

LEONARDO Nascimento do Araújo

Nascimento: 05/06/69
Local: Niterói (RJ)
Data de entrada: 24/07/90
Data de saída: 30/06/94
Jogos disputados pelo SPFC: 110
Gols marcados pelo SPFC: 7
Títulos conquistados pelo SPFC: Campeão Brasileiro de 91 e Campeão Mundial da Supercopa e da Recopa em 93
Outros clubes: Flamengo, Valência, Kashima, Paris Saint German e Milan



Riberto, discreto e eficiente, comemorando o título paulista de 1957



Ayrton: campeão paulista de 1980

na Copa do Mundo de 1974, e foi um dos astros do milionário New York Cosmos, agremiação norte-americana que não economizava dinheiro nas contratações.

Mas, sem sombra de dúvida, a década de 80 foi de um personagem fundamental na história do São Paulo. Durante dez anos vividos no Morumbi, acumulou quatro títulos paulistas e um brasileiro. Em outras palavras, reinou absoluto. O nome dele é Nelson Luis Kerchner, o Nelsinho. Revelado nas divisões de base do clube, era dono de grande regularidade. Destacava-se também nos cruzamentos, sempre perfeitos, precisos. Depois do São Paulo, jogou no Flamengo, no Corinthians e no time japonês do Kashima.

JOGADORES TIPO EXPORTAÇÃO

A seguir, Ronaldão, que tornou-se um dos zagueiros mais competentes de sua geração, ficou um período na lateral, setor que, realmente, não era o forte

dele. Quem conquistou os são-paulinos de todo o País foi o carioca Leonardo - para muitos, um dos maiores laterais-esquerdos que já estiveram no Morumbi. Vice no Brasileiro de 1990, sagrou-se campeão em 1991. Depois de dois anos na Europa, retornou. Foi, no entanto, para o meio-de-campo, posição em que diversos laterais habilidosos passam a atuar quando o físico já não lhes permite correrias. O início dos anos 90 ainda testemunhou a chegada de Ivan, que logo partiu para o futebol espanhol sem deixar saudade.

Já Ronaldo Luís foi um dos que deram vital contribuição ao vitorioso esquadrão montado por Telê Santana. Além da regularidade, inúmeras vezes salvou o time de tomar gols feitos, posicionando-se sob as traves do goleiro Zetti. A mais famosa intervenção dele aconteceu na partida que valia o título do Mundial Interclubes de 1992, contra o Barcelona. Naquela altura, com

o jogo empatado por 1 a 1, os espanhóis não viraram ainda no primeiro tempo por causa da perfeita colocação de Ronaldo.

Se ele teve fundamental participação na conquista da Taça Toyota Cup daquele ano, em 1993, diante do todo-poderoso Milan, foi a vez de André Luiz, garoto revelado nas categorias de base, mostrar serviço. Na partida do bicampeonato, inverteu uma bola da esquerda para a direita, encontrando Cafu livre, que cruzou para Palhinha marcar o primeiro gol são-paulino. André, que fez 192 partidas pelo São Paulo, também fora transferido para o futebol espanhol.

Três anos mais tarde, a contratação de Sérgio Claudio dos Santos, o Serginho, que veio do Cruzeiro, suscitou polêmica. Afinal, na troca por ele e o volante Belletti, que depois passou à lateral-direita, o São Paulo cedeu ao clube mineiro cinco atletas. Bastaram, porém, algumas

procura de um bom jogador. E encontrou no Guarani: Gustavo Nery, hoje no Werder Bremen, atual campeão alemão. Pelo time do Morumbi, fez ótimas atuações, principalmente este ano, o que lhe possibilitou vestir a camisa da seleção brasileira campeã da Copa América, no Peru. Polivalente como poucos, foi improvisado no meio-de-campo, na zaga e onde mais fosse necessário. Mostrando versatilidade extrema, virou goleiro depois de Rogério Ceni ser expulso em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro, contra a Ponte Preta, em 24 de julho de 2003. Durante alguns meses de 2002, disputou posição com Jorginho Paulista, atleta revelado pelo arqui-rival Palmeiras que passou pelo Vasco da Gama e que, atualmente, defende o Botafogo-RJ.

Gustavo ainda brigou com Fabiano, jogador oriundo do Paraná Clube e que até empolgou a torcida com suas arrancadas, mas que terminou indo para o Perugia,

“Havia mesmo quem ia ao Pacaembu, lá pelos anos 40 e 50, só para vê-lo recolher a bola e elevá-la com as duas mãos por trás da cabeça”...

ALBERTO HELENA JR.
sobre Noronha ou, se preferir, “Cobrinha”

apresentações para Serginho exibir sua técnica refinada. Além de veloz, usava e abusava de dribles desconcertantes. Hoje, o craque está no Milan.

Para tentar preencher o espaço deixado por ele, tarefa um tanto ingrata, o São Paulo promoveu dos aspirantes Fábio Aurélio, jovem talento que foi descoberto ainda quando atuava nos juvenis do Rio Branco, de Americana. Competente na marcação, seu forte era avançar ao ataque. Em 2000, foi negociado com o Valência, clube em que vem desfrutando a condição de um dos melhores laterais do futebol espanhol.

Mais uma vez, o Tricolor saiu à

da Itália. Antes de ir embora para a Europa, ele ainda dividiu a lateral-esquerda com Fábio Santos, que, nos últimos meses, teve Lino na sua reserva direta.

Agora em setembro, depois de um longo namoro, a diretoria acertou a contratação de Júnior, atleta revelado pelo Vitória, da Bahia, que tornou-se conhecido no time do Parque Antártica. O lateral, que nos últimos anos vinha atuando no futebol italiano, participou da conquista do pentacampeonato Mundial, na Ásia. Se depender de suas qualidades, tem tudo para fazer parte da galeria de craques tricolores.



Alfredo Ramos:
“O Polvo”



Gilberto Sorriso:
tricampeão paulista
(70/71/75)



Noronha: um dos maiores laterais do futebol brasileiro



André Luiz: jogada brilhante na conquista do bi mundial

→ Contra o Juventude, no sul, o goleiro Eduardo Martini cometeu duas falhas que permitiram a **REAÇÃO TRICOLOR**. Tardelli e Vélber não perdoaram

BRASILEIRÃO 2004



Rogério Ceni, o homem do jogo na partida contra o Figueirense: dois gols

São Paulo 2 X 1 Figueirense

16º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Flávio e Renan; Cicinho, César Sampaio, Vélber (Marcinho) e Fábio Santos; Jean (Alê), Grafite e Diego Tardelli (Aílton) • **Técnico:** Cuca

FIGUEIRENSE

Edson Bastos; Paulo Sérgio, Márcio Goiano, Cléber (Elói) e Filipe; Jeovânio, Bilu, Sérgio Manoel e Fernandes; Romualdo e Izaias (Alan) • **Técnico:** Dorival Júnior

Gols: Rogério Ceni aos 12min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 27min e Sérgio Manoel aos 39min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Fábio Santos, Flávio, Grafite e Diego Tardelli; Isaías, Filipe e Romualdo

Cartão vermelho: Grafite e Fábio Santos • **Juiz:** Alicio Pena Júnior • **Data:** 17/07 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Botafogo 1 X 0 São Paulo

17º JOGO

BOTAFOGO

Jefferson; Túlio, Gustavo, Scheidt e Renatino (Camacho); Fernando, Thiago Xavier, Valdo (Têti) e Almir; Raul Estévez e Schwenk (Gláucio) • **Técnico:** Mauro Galvão

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Flávio; Cicinho, Renan, César Sampaio, Danilo, Vélber (Rondón) e Lino (Ale); Diego Tardelli (Gabriel) • **Técnico:** Cuca

Gol: Gláucio aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Diego Lugano; Fernando e Scheidt • **Cartão vermelho:** Flávio • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça • **Data:** 20/07 • **Local:** Estádio Caio Martins, Niterói (RJ)

São Paulo 1 X 0 Vasco

18º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Diego Lugano e Fábio Santos; César Sampaio, Alê e Danilo; Diego Tardelli (Souza), Grafite e Alexander Rondón (Jean) • **Técnico:** Cuca

VASCO

Tadic; Claudemir, Henrique, Daniel e Diego (Canhoto); Ygor, Coutinho, Robson Luiz (Júnior) e Petkovic; Alex Alves (Anderson) e Valdir • **Técnico:** Geninho

Gol: Danilo aos 36min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Fabão e Diego Lugano; Henrique e Petkovic • **Juiz:** Evandro Rogério Roman • **Data:** 24/07 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Juventude 1 X 2 São Paulo

19º JOGO

JUVENTUDE

Eduardo Martini; Índio, Naldo e Thiago; Jancarlos, Vânderson, Evandro (Marinho), Donizete Amorim e Zé Rodolpho; Lopes e Leonardo Manzi (Bruno) • **Técnico:** Ivo Wortmann

SÃO PAULO

Roger; Flávio, Diego Lugano e Edcarlos (Vélber/Ramalho); Alê, César Sampaio, Cicinho, Danilo e Fábio Santos; Grafite e Alexander Rondón (Diego Tardelli) • **Técnico:** Cuca

Gols: Zé Rodolpho aos 3min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 21min e Vélber aos 35min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Vânderson e Índio; Flávio, Diego Lugano, Danilo, Fábio Santos, Grafite e Diego Tardelli • **Juiz:** Clever Assunção Gonçalves • **Data:** 29/07 • **Local:** Estádio Alfredo Jaconi, Caxias do Sul (RS)

→ Em Porto Alegre (RS), diante do Internacional, **ROGER** foi o destaque. O arqueiro roubou a cena, praticando defesas fantásticas e segurando os gaúchos



Cicinho: autor do segundo tento diante do Goiás

Internacional 1 X 1 São Paulo

20º JOGO

INTERNACIONAL

Clêmer; Sangaletti, Vinícius e Wilson (Fernando Miguel); Gavilán, Marabá, Edinho, Fernandão (Rafael Sobis) e Alex Raphael (Chiquinho); Nilmar e Danilo

• **Técnico:** Joel Santana

SÃO PAULO

Roger; Gabriel, Fabão, Flávio (Renan) e Jean; César Sampaio, Alê, Edcarlos e Danilo (Vélber); Diego Tardelli (Souza) e Luís Fabiano

• **Técnico:** Cuca

Gols: Jean aos 26min e Marabá aos 41min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gavilán e Edinho; Gabriel, Luís Fabiano, Renan, Roger e Edcarlos • **Juiz:** Elvécio Zequetto • **Data:** 01/08 • **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

São Paulo 2 X 1 Vitória

21º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Diego Lugano, Fabão e Rodrigo; Cicinho, César Sampaio, Alê, Vélber (Gabriel) e Jean (Fábio Santos); Luís Fabiano e Grafite (Rondón)

VITÓRIA

Juninho; Vinícius, Alex Silva (Marcelo Silva) e Nenê; Pedro (Maurício), Xavier, Cléber, Magnum e Paulo Rodrigues (Gilmar); Edílson e Obina

• **Técnico:** Oswaldo de Oliveira
Gols: Luís Fabiano aos 16min e 17min e Obina aos 25min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** César Sampaio; Nenê, Pedro, Maurício e Alex Silva • **Cartão vermelho:** Fabão • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça • **Data:** 05/08 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Flamengo 1 X 0 São Paulo

22º JOGO

FLAMENGO

Júlio César; Gauchinho, Júnior Baiano, Fabiano Eller e Athirson; Da Silva, Júnior, Ibson e Zinho (Júlio Moraes); Dimba (Whelliton) e Jean (Douglas Silva)

• **Técnico:** Paulo César Gusmão

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Diego Lugano, Rodrigo e Fábio Santos (Souza); César Sampaio, Alê e Danilo (Vélber); Grafite, Luís Fabiano e Jean (Diego Tardelli)

• **Técnico:** Cuca
Gol: Dimba aos 13min do segundo tempo • **Cartões Amarelos:** Da Silva e Athirson; Diego Lugano, Fábio Santos e César Sampaio • **Cartão Vermelho:** Diego Tardelli • **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho • **Data:** 08/08 • **Local:** Estádio Raulino de Oliveira, Volta Redonda (RJ)

São Paulo 4 X 0 Goiás

23º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão (Alex), Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Danilo (Gabriel), Vélber (Souza) e Fábio Santos; Jean, Grafite

GOIÁS

• **Técnico:** Cuca
Harlei; Gustavo, Renato e André Dias; Paulo Baier (Fábio), Cléber, Josué, Jorge Mutt (Sómália) e Jadílson; Alex Dias e Leandro

• **Técnico:** Celso Roth
Gols: Vélber aos 16min do primeiro tempo; Cicinho aos 9min, Grafite aos 34min e Gabriel aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão e Danilo; Jorge Mutt, Paulo Baier e André Dias • **Juiz:** Antônio Silva Santos • **Data:** 11/08 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ No Morumbi, o Criciúma jogou na defesa, explorando os contra-ataques, mas o SPFC conseguiu superar a barreira e vencer por 2 a 0



Gabriel entrou bem no encontro com o Criciúma: e guardou um

Atlético-PR 1 X 0 São Paulo

24º JOGO

ATLÉTICO-PR

Diego; Rogério Correia, Fabiano (Bruno Lança) e Marcão; Fernandinho, Alan Bahia, Pingo (William), Jádson e Ivan; Dagoberto e Washington (Morais)

Técnico: Levir Culpi

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Alex (Vélber), Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, César Sampaio, Danilo e Fábio Santos (Souza); Diego Tardelli (Ailton) e Jean • **Técnico:** Cuca

Gol: Dagoberto aos 37min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Diego Tardelli, Fábio Santos e Rodrigo; Marcão, Jadson e Moraes • **Cartão vermelho:** Rodrigo • **Juiz:** Luciano Almeida • **Data:** 15/08 • **Local:** Estádio Arena da Baixada, Curitiba (PR)

Fluminense 1 X 0 São Paulo

26º JOGO

FLUMINENSE

Fernando Henrique, Arílson, Odvan, Antônio Carlos e Júnior César (Esquerdinha); Marciel, Juca, Ramon (Arouca) e Roger; Romário e Edmundo • **Técnico:** Alexandre Gama

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Rodrigo, Fabão (Souza) e Diego Lugano; Cicinho, Alê, Renan (Rondón), Danilo e Fábio Santos (Gabriel); Jean e Grafite • **Técnico:** Cuca

Gol: Fabão (contra) aos 3min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Juca, Marciel e Roger; Fábio Santos, Danilo e Edmundo • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 22/08 • **Local:** Estádio Raulino de Oliveira, Volta Redonda (RJ)

São Paulo 2 X 0 Criciúma

25º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Edcarlos, Diego Lugano e Fábio Santos; César Sampaio, Alê, Vélber (Gabriel) e Danilo (Ailton); Grafite e Jean (Souza) • **Técnico:** Cuca

CRICIÚMA

Fabiano; Alex (Rafael), Ronaldo, Leonardo e Luciano Almeida; Cléber Gaúcho (Paulo César), Geninho, Genalvo e Athos; Marcos Denner e Douglas (Marcinho)

Técnico: Vágner Benazzi

Gols: Grafite aos 39min do primeiro tempo; Gabriel aos 30min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Diego Lugano e Alê; Genalvo, Alex e Douglas • **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho • **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho • **Data:** 19/08 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 3 X 3 Guarani

27º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, César Sampaio (Renan), Souza e Jean (Alexander Rondón); Diego Tardelli (Lino) e Grafite • **Técnico:** Cuca

GUARANI

Jean; Dida, João Carlos, Juninho e Emerson (Simão); Roberto (Viola), Douglas (William), Careca e Harison; Valdir Papel e Sandro Hiroshi • **Técnico:** Agnaldo Liz

Gols: Harison aos 30min, Valdir Papel aos 33min, Grafite aos 37min, Diego Lugano aos 44min e Diego Tardelli aos 45min do primeiro tempo; Viola aos 49min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alê, Jean, Grafite, Fabão e Diego Lugano; Juninho e Dida • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Data:** 28/08 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ Na estreia do técnico **EMERSON LEÃO**, o Tricolor viajou até o Paraná e venceu por 2 a 0 o time da casa com gols do zagueiro Rodrigo e do meia Danilo

São Paulo 2 X 3 Coritiba

28º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Cicinho, Fabão, Rodrigo e Fábio Santos (Gabriel); Alê, César Sampaio, Souza (Lino) e Danilo; Diego Tardelli (Alexander Rondón) e Grafite

CORITIBA

Fernando; Tesser (Thiago Soler), Flávio, Miranda e Adriano (Cléber); Roberto Brum, Ataliba, Capixaba e Reginaldo Vital (Vagner); Tuta e Aristizábal

Técnico: Antonio Lopes

Gols: Aristizábal a 1min, Danilo aos 5min, Tuta aos 17min e Roberto Brum aos 41min do primeiro tempo; César Sampaio aos 38min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Cicinho; Reginaldo Vital • **Cartão vermelho:** Grafite **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva • **Data:** 01/09 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Paraná 0 X 2 São Paulo

29º JOGO

PARANÁ

Flávio; Etto, João Vitor, João Paulo e Edinho (Vicente); Messias (Sinval), Beto, Cristian e Fernando (Marcel); Galvão e Maranhão

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Gabriel, Alê, César Sampaio, Danilo (Renan) e Fábio Santos; Jean (Souza) e Diego Tardelli (Vélber)

Técnico: Emerson Leão

Gols: Rodrigo aos 12min do primeiro tempo; Danilo aos 8min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Etto e Beto; Diego Tardelli e César Sampaio **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas • **Data:** 08/09 • **Local:** Estádio Pinheirão, Curitiba (PR)

São Paulo 0 X 0 Cruzeiro

30º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho (Gabriel), César Sampaio, Alê, Danilo e Fábio Santos (Souza); Grafite (Diego Tardelli) e Jean

CRUZEIRO

Artur; Alessandro, Marcelo Batatais, Gladstone e Leandro (Wendel); Maldonado, Martinez, Fernando Diniz (Sandro) e Sorín, Jussê e Fred (Márcio)

Técnico: Marco Aurélio

Cartões amarelos: Diego Lugano, Gabriel e Jean; Fernando Diniz, Martinez, Danilo e Gladstone • **Juiz:** Edílson Soares da Silva • **Data:** 11/09 • **Local:** Estádio do Pacaembu, São Paulo (SP)

Corinthians 0 X 0 São Paulo

31º JOGO

CORINTHIANS

Fábio Costa; Anderson, Marcelo Oliveira e Filipe Alvim; Edson, Wendel, Fabinho, Fábio Baiano e Renato (Coelho); Gil e Jô (Alberto)

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho (Gabriel), Alê, César Sampaio, Danilo (Souza) e Júnior; Grafite e Diego Tardelli (Jean)

Técnico: Emerson Leão

Cartões amarelos: Grafite, César Sampaio e Rodrigo; Filipe Alvim, Fábio Baiano, Fabinho e Marcelo Oliveira • **Juiz:** Sálvio Spinola Fagundes Filho • **Data:** 19/09 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Grêmio 2 X 1 São Paulo

32º JOGO

GRÊMIO

Márcio; Fábio Bilica, Claudiomiro e Baloy; Felipe Melo, Emerson, George, Fábio Pinto (Yan) e Marciano (Léo Inácio); Cláudio Pitbull (Roiberto Santos) e Marcelinho

Técnico: Cuca

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex (Márcio); Cicinho, Alê (Zé Ramalho), César Sampaio, Danilo, Nildo (Rondón) e Júnior; Diego Tardelli

Técnico: Emerson Leão

Gols: Cláudio Pitbull aos 32min do primeiro tempo; Cláudio Pitbull aos 38min e Cicinho aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Emerson e Felipe Melo; Diego Lugano, Diego Tardelli, Alê e Fabão • **Juiz:** Luis Antonio Silva Santos • **Data:** 25/09 • **Local:** estádio Olímpico, Porto Alegre (RS)

São Paulo 7 X 0 Paysandu

33º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano, Rodrigo e Cicinho; Renan, César Sampaio (Zé Ramalho), Danilo (Souza) e Júnior; Nildo (Jean) e Grafite

PAYSANDU

Paulo Musse; Maurinho, Júlio Santos (Jairo), Alex Pinho e Alonso; Sandro (Balão), Bebeto Campos, Denis e Alexandre Pinho; Vinícius (Adrianinho) e Leonardo

Técnico: Adílson Baptista

Gols: Cicinho aos 30min e Nildo aos 34 min do primeiro tempo; Grafite aos 8min, Cicinho aos 14min, Grafite aos 26min, Souza aos 31min e Jean aos 36min do segundo tempo • **Juiz:** Elvécio Zequetto • **Data:** 28/09 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

SUL-AMERICANA 2004

São Caetano 1 X 1 São Paulo

1º JOGO

SÃO CAETANO

Sílvio Luiz; Dininho, Gustavo e Thiago; Anderson Lima, Mineiro, Paulo Miranda (Marcelo Mattos), Marcinho (Danilo) e Triguinho; Euller e Fabrício Carvalho (Fernando Baiano)

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, César Sampaio, Alê, Danilo e Fábio Santos; Grafite e Jean (Rondón)

Técnico: Emerson Leão

Gols: Gustavo aos 35min do primeiro tempo; Grafite aos 27min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Marcelo Mattos, Fabrício Carvalho e Mineiro; Diego Lugano, Fabão e Rogério Ceni • **Cartão vermelho:** Anderson Lima **Juiz:** Silvia Regina de Oliveira • **Data:** 15/09 • **Local:** Estádio Anacleto Campanella, São Caetano do Sul (SP)

São Paulo 1 X 1 São Caetano

2º JOGO

SPFC 4 X 1 SC (pênaltis)

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê (Nildo), César Sampaio, Danilo e Júnior; Grafite (Rondón) e Diego Tardelli (Jean)

SÃO CAETANO

Sílvio Luiz; Dininho, Gustavo e Thiago; Ceará, Mineiro, Marcelo Mattos, Marcinho e Triguinho (Serginho); Euller e Fabrício Carvalho (Danilo)

Técnico: Péricles Chamusca

Pênaltis: Rogério Ceni, César Sampaio, Danilo e Nildo marcaram para o São Paulo; Danilo fez, Thiago e Gustavo desperdiçaram pelo São Caetano • **Gols:** Cicinho aos 20min e Serginho aos 22min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Grafite e Diego Lugano; Fabrício Carvalho e Serginho • **Cartões vermelhos:** Fabão; Marcinho • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça • **Data:** 22/09 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Mais três no elenco

Em 13 de setembro, o CT da Barra Funda ficou tomado por jornalistas que acompanharam a apresentação dos reforços são-paulinos. No início da tarde, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa anunciou as contratações. O lateral-esquerdo Júnior, 31, o volante Ramalho, 24, e o meia Nildo, 28, chegaram prometendo raça.

"Espero honrar essa camisa", afirmou Júnior, em meio a microfones, câmeras e gravadores. Por sua vez, Nildo, interesse antigo do São Paulo que não se concretizou antes por problema de contusão, elogiou o elenco. E garante que, agora, está 100%. "O time é muito bom. Vamos trabalhar duro para conseguir os resultados. Fiz todos os exames e fui bem."

Já Ramalho contava a todos que pôde realizar o desejo de infância de defender as cores de um clube de ponta. "Quando você é pequeno, você quer jogar num time grande. Agora, estou no São Paulo e muito feliz."

Na temporada 2004, o São Paulo foi um dos clubes que mais contrataram. Ao longo do ano, foram 13 atletas. "Quando eu falava que iria trazer reforços, a imprensa pressionava. Hoje, é difícil. Mas trouxemos sete jogadores no início do ano (*Fabão, Grafite, Rodrigo, Cicinho, Danilo, Vélber e Marquinhos, que foi embora após a Libertadores*), mais três há pouco mais de um mês (*Rondón, César Sampaio e Alex*) e esses três agora", contabilizou Gouvêa. "Quem disser que não fazemos contratações só está querendo tumultuar nosso ambiente", encerrou. **(Carlos Mesquita)**

José RAMALHO Carvalho de Freitas

Nascimento: 03/06/1980

Local: Natal-RN

Posição: volante

Altura: 1,77m

Peso: 72 kg

Clubes: Santo André e Vitória

Principais títulos: Bicampeão Baiano, Campeão de Copa do Nordeste e Campeão da Copa do Brasil



Josenildo Caetano da Silva - NILDO

Nascimento: 20/10/1975

Local: Caruaru-PE

Posição: meia-atacante

Altura: 1,68m

Peso: 63 kg

Clubes: Porto de Caruaru, Guarani, Fluminense e Sport-RE

Principais títulos: Tricampeão Pernambucano, Campeão da Copa do Nordeste e Vice-campeão da Copa dos Campeões

Jenilson Ângelo Souza - JÚNIOR

Nascimento: 20/06/1973

Local: Santo Antonio do Jesus - BA

Posição: lateral-esquerdo

Altura: 1,73m

Peso: 65 kg

Clubes: Vitória, Palmeiras, Parma e Siena

Principais títulos: Campeonato Baiano, Campeonato Paulista, Copa do Brasil, Copa Mercosul, Copa Libertadores da América, Torneio Rio-SP, Copa da Itália e Copa do Mundo Coreia/Japão

Prêmio: Bola de Prata da revista *Placar* melhor lateral-esquerdo de 1998



Reforço para a zaga

Depois da contratação do atacante Rondón e do volante César Sampaio, o São Paulo acertou, em 28 de agosto, com o zagueiro Alex, 22, que estava defendendo o Santo André, campeão da Copa do Brasil deste ano em cima do Flamengo. O jogador foi apresentado em 3 de setembro. "Estou pronto para jogar. Vinha atuando no Santo André e não terei dificuldades", disse na coletiva de imprensa. (CM)

ALEX Bruno Costa Fernandes

Nascimento: 09/05/1982

Local: São Paulo/SP

Posição: zagueiro

Altura: 1,89m

Peso: 79 kg

Clubes: Águas de Lindóia, Inter de Bebedouro (SP) e Santo André

Títulos: Taça São Paulo de Futebol Júnior, Copa Estado de São Paulo, Vice-campeão Brasileiro - Série C e Copa do Brasil



Entre os melhores do mundo

Novamente, o São Paulo aparece entre os melhores times do mundo. Agora, o Tricolor foi considerado, pelo ranking mundial de clubes, elaborado pela Federação de História e Estatística do Futebol (IFFHS), divulgado no mês de setembro, o primeiro entre os clubes brasileiros e o segundo na colocação geral, com 276 pontos, atrás apenas do Celtic, da Escócia, com 281,5.

Os dados são baseados nos resultados de cada equipe nos últimos 12 meses, levando-se em consideração as competições nacionais e internacionais disputadas, bem como o grau de dificuldade desses torneios. (Cinthia Savino)

CONFIRA OS PRIMEIROS COLOCADOS



1. Celtic Glasgow (Escócia) 281,5 pontos
2. **SÃO PAULO** (Brasil) 276,0
3. Valência (Espanha) 266,0
4. Milan (Itália) 258,0
5. Real Madrid (Espanha) 257,0
6. Porto (Portugal) 254,5
7. Manchester United (Inglaterra) 253,0
8. Chelsea (Inglaterra) 250,0
9. Arsenal (Inglaterra) 248,0
10. Santos (Brasil) 244,0
11. Boca Juniors (Argentina) 244,0

Na voz de Paulo Planet

Alerta para a nossa torcida

Na última edição da revista, tão propagada e lida pelos torcedores do São Paulo, foi publicada uma importante e interessante reportagem que focalizava o sucesso, especialmente no exterior, de alguns dos nossos melhores jogadores, que foram vendidos, inclusive porque haviam sido intensamente criticados por torcedores são-paulinos, diríamos, menos avisados. Sendo citados, entre outros, Kaká, Edmílson, França, Belletti, Júlio Baptista, notórios destaques nos seus clubes europeus.

Necessário que os torcedores do São Paulo, como, de resto, dos demais clubes, especialmente os chamados grandes, tenham muito cuidado com eventuais influências que venham a ter no analisar, publicamente, nos estádios, a conduta, a produção de cada um dos seus jogadores. Especialmente os chamados craques! Porque, às vezes, podemos, como torcedores, estar apenas servindo aos interesses de terceiros, notadamente de empresários, desejosos de vender esses craques para aumentar suas próprias economias.

Contou-me um emérito professor de Medicina, de uma das mais importantes escolas médicas do País, clínico dos mais conceituados, que, um dia, na Vila Belmiro, já que torcedor do Santos, tendo ficado sentado junto da torcida do São Paulo, pois se tratava de um clássico entre essas duas respeitabilíssimas representações do nosso futebol, teve a oportunidade de ver algo que lhe pareceu absolutamente inusitado, ou seja, líderes da torcida tricolor incentivando que determinado jogador fosse vaiado. Como lhe parecesse que essa conduta era, no mínimo, estranha, cuidou, sem ser notado, de saber o porquê dessa atitude: afinal torcedores do clube vaiando, desde o princípio da partida, um jogador que envergava a camisa do São Paulo. E acabou sorratamente sabendo que essa conduta fora solicitada pelo empresário do aludido profissional, que estava com a sua venda engatada para o exterior e era necessário que o ambiente desse profissional no time fosse ruim o suficiente para que o clube resolvesse desfazer-se do mesmo.

Colaborando para isso, na sua grande maioria, os torcedores, sem o saber, mas a serviço dos interesses de alguns líderes de baixíssimo nível, quem sabe, inclusive, a soldo desse empresário! Necessário, portanto, que as torcidas organizadas se precatem contra esse tipo de lideranças, que se colocam a serviço de interesses manifestamente escusos. Quando este ou aquele jogador está, eventualmente, produzindo pouco, é importantíssimo que o público torcedor o apóie. Prestando, sempre, muita atenção para saber se estamos vaiando porque não estamos satisfeitos episodicamente com a conduta deste ou daquele jogador ou se, na verdade, estamos, até ingenuamente, a serviço de terceiros mal-intencionados.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Sub-12 é campeão no Japão

O time sub-12 (*abaixo*) das categorias de base do São Paulo Futebol Clube sagrou-se campeão do 5º Torneio Internacional de Shizuoka, no Japão, disputado de 27 a 29 de agosto. Para conquistar o título, o Tricolor fez excelente campanha. Em seis jogos, obteve cinco vitórias e apenas um empate, com 20 gols pró e somente dois contra. Na estréia, na cidade de Numazu, a equipe são-paulina, comandada pelo técnico Silva, venceu o Feyenoord, da Holanda, por 1 a 0. No mesmo dia, a partida contra o Shizuoka Tobu terminou empatada por 1 a 1. Na rodada seguinte, em Fujieda, o Tricolor goleou o Shizuoka Seibu por 5 a 0 e a equipe chinesa do Zheijiang por 6 a 0. No dia 29 pela manhã, em Fukuroi, a vitória por 5 a 1 sobre o Shizuoka Chubu credenciou o São Paulo para a final do torneio. À tarde, então, pela decisão, no Estádio Ecopa, local em que a seleção brasileira disputou, contra a Inglaterra, as quartas-de-final da Copa do Mundo de 2002, os brasileiros derrotaram os senegaleses por 2 a 0 e ergueram a taça. O São Paulo conquistou, ainda, o prêmio de melhor jogador do torneio, conferido ao meia-esquerda Régis.

A delegação campeã foi composta por Caio Dias, Danilo Nascimento, Maurício Antônio, Augusto Vieira, Ewerton Pereira, Renan Silva, José Sérgio, Rafael Frazzato, Rafael Silva, Régis Salmazo, Andrew Feitosa, Carlos da Silva, Renan Santos, Marcelo Marques e Jorge Balbino. Técnico: Antônio Carlos Silva. Coordenador: José Roberto Calicchio. Chefe da delegação: José Roberto Canassa. **(APA)**



I Copa Internacional São Paulo Futebol Center reúne 1200 atletas



Campeã Sub-11 - Unidade Osasco



Campeã Sub-15 - Unidade Ribeirão Preto

Campeã Sub-13 - Unidade Sorocaba

A I Copa Internacional São Paulo Futebol Center, disputada entre os alunos das escolas licenciadas do São Paulo Futebol Clube nas categorias sub-11, sub-13 e sub-15, foi realizada no período de 22 a 25 de julho, na cidade de Porto Feliz, a 110 Km da cidade de São Paulo. E reuniu cerca de 1300 pessoas, entre alunos, pais e acompanhantes. Além das 23 unidades nacionais, o torneio contou com a participação da escola de futebol da prefeitura de Porto Feliz e a unidade São Paulo Futebol Center de Suwon, na Coreia, que esteve no Brasil com aproximadamente 80 alunos. Durante os dias de competição, a prefeitura de Porto Feliz colocou à disposição toda a estrutura para o evento: sete campos espalhados pela cidade para a disputa dos jogos e escolas municipais da região, que serviram de alojamento para cerca de 1.200 jogadores. Ao todo, foram disputados 119 jogos entre as 24 unidades participantes. Na

categoria sub-11, das 20 equipes presentes, a escola de Osasco levantou a taça de campeão, deixando a do Butantã com o vice-campeonato. A terceira posição ficou com a de Ribeirão Preto. Na sub-13, entre os 22 times, os alunos de Sorocaba levaram o troféu para casa. A unidade da Coréia e a de Curitiba ficaram com as segunda e terceira posições, respectivamente. Na categoria sub-15, 24 equipes disputaram o título. E, dessa vez, a escola de Ribeirão Preto ficou com a taça, deixando para trás a unidade da Coréia, com a segunda posição, e a de Brasília, com a terceira. Para José Roberto Calicchio, coordenador das escolas, o evento atingiu o objetivo. "Conseguimos reunir os alunos na cidade de Porto Feliz, onde, além de disputar os jogos, puderam participar de uma grande confraternização. Além disso, neste ano tivemos a unidade da Coréia, que trouxe uma delegação numerosa para o Brasil. Foi uma grande festa", disse. **(Ana Paula Andrade)**

Guilheiro: sete confrontos e seis vitórias



Judoca ganha bronze em Atenas

O primeiro pódio do Brasil na Olimpíada de Atenas foi tricolor. Com uma brilhante atuação, o judoca Leandro Guilheiro, da parceria São Paulo F.C./Associação de Judô Rogério Sampaio, conquistou a medalha de bronze da categoria leve, vencendo seis dos sete adversários que enfrentou.

A conquista foi um sonho realizado para Leandro, 21, que ofereceu a vitória a Deus e à família. "Foram sete lutas difíceis. Tive de fazer um esforço muito grande, mas o sonho foi realizado", disse. Ele revelou também que sempre acreditou na medalha. "Foi muito tempo de preparação, sabia que podia chegar lá. Quando perdi a

chance de disputar o ouro, comecei uma nova briga e decidi que iria atrás do bronze."

O atleta nasceu em Suzano, mas deu seus primeiros passos no judô na cidade de Santos, em 1988. Treinado pelos técnicos Ivo Nascimento, Rogério Sampaio e, atualmente, também por Aurélio Miguel, Leandro Guilheiro tem em seu currículo a medalha de ouro dos campeonatos Mundial Júnior e Pan-americano Júnior, ambos em 2002. Danielle Zangrando, são-paulina que disputava pela categoria leve, perdeu na repescagem para a italiana Cinzia Cavazzuti. E não se classificou. **(Andrea Longue)**



Alessandro Matos em ação no ringue de Atenas

MAIS SÃO-PAULINOS NA OLIMPÍADA

Os cinco boxeadores que representaram o Brasil em Atenas eram são-paulinos. Washington Silva, Alessandro Matos, Edvaldo Gonzaga, Myke Carvalho e Glaucélio Abreu fazem parte da equipe São Paulo/Coliseu Guarú. O melhor resultado do País nessa modalidade foi alcançado por Edvaldo, que conseguiu chegar à segunda fase.

No handebol feminino, a ponta-esquerda Aline Waleska, a Pará, e a armadora Lucila Viana, da equipe São Paulo/Guarú, integraram a seleção que conseguiu um excelente resultado em Atenas. O grupo ficou com a sétima colocação, melhor posição conquistada até hoje em Olimpíadas. Em Sydney, pegou o oitavo lugar. Já no basquete feminino, a tricolor Leila Sobral esteve entre as atletas que brigaram pelo bronze. Pela terceira vez consecutiva, o Brasil manteve-se entre as quatro melhores equipes nos jogos olímpicos. O time deixou escapar a medalha ao perder para a Rússia por 71 a 62. **(AL)**

BICAMPEÃO MUNDIAL DE FUTEBOL



Lima Duarte ao lado do presidente Marcelo Portugal Gouvêa e de Affonso Renato Meira, presidente do Conselho Deliberativo



Fernando Meligeni com o presidente do Conselho, Affonso Renato Meira, o conselheiro Itagiba Francez e o vice-presidente do SPFC, Marcelo Martines (da dir. à esq.)



Leandro Guilherme recebendo a placa das mãos do conselheiro Afonso Covello



Danielle Zangrando e o conselheiro Rubens Antonio Moreno: homenagem pela participação na Olimpíada

Conselho Deliberativo presta homenagens

No dia 30 de agosto, o Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube prestou homenagens aos atletas olímpicos Leandro Guilherme, medalha de Bronze em Atenas, e Danielle Zangrando durante reunião no Auditório do Salão Nobre do clube. Além dos judocas, os ilustres são-paulinos Fernando Meligeni, ex-tenista, e Lima Duarte, ator, também foram condecorados.

Em seu discurso de abertura, o Dr. Affonso Renato Meira, presidente do Conselho, fez questão de ressaltar a importância dos homenageados para o clube. "Temos o privilégio hoje de condecorar três figuras, que, além de honrarem nas suas ocupações, honram também o São Paulo Futebol Clube com seu ardor de torcedor ou como atleta tricolor. Por iniciativa deste Conselho, portanto, o clube quer, também, demonstrar a sua estima e o orgulho de tê-los como são-paulinos."

Os atletas Guilherme e Danielle receberam as placas de homenagem das mãos dos Conselheiros Affonso Covello e Rubens Antonio Moreno pela conquista da medalha e pela participação nos Jogos Olímpicos da Grécia. O tenista Fernando Meligeni, são-paulino ilustre, teve sua condecoração entregue por Marcelo Martines, vice-presidente do clube, e Itagiba Francez, conselheiro vitalício.

Já Lima Duarte recebeu a lembrança das mãos do presidente Marcelo Portugal Gouvêa. Depois, o ator falou sobre sua paixão pelo Tricolor. "Desde quando estava ainda no interior já vivia em busca de notícias sobre o São Paulo. Quando cheguei à cidade, muitos tentaram me convencer a mudar de time, mas sempre gostei do São Paulo e ia aos jogos. Sou um torcedor apaixonado até hoje. Por isso, receber esta homenagem é uma grande honra para mim", contou. (AL)

SPFC na Expo Brasil China

O São Paulo Futebol Clube esteve presente à Feira Expo Brasil China, que ocorreu entre 31 de agosto e 3 de setembro, no Centro de Exposições Internacionais da China, CIEC, na cidade de Beijing (Pequim). O evento, que recebeu aproximadamente 10 mil visitantes, contou também com estandes de outras empresas nacionais, como a Aracruz, Eletrobrás, Furnas, Itaipu, Petrobras e Embraer, entre outras. Na feira, houve ainda a apresentação de workshops, seminários, shows musicais e exibição de filmes brasileiros.

O São Paulo, que já tem participação no futebol da Europa e dos Estados Unidos, é pioneiro no Brasil no desenvolvimento do projeto de expansão de sua marca em solo asiático. Desde o ano passado, mantém parceria com a empresa canadense AKD International Inc que prevê a estruturação técnica do São Paulo Liaoning Futebol, a criação de escolas de futebol em toda a China e a vinda ao Brasil de jovens chineses para aperfeiçoamento técnico.

Para Edson Francisco Lapolla, conselheiro e responsável pelo projeto naquele país, a apresentação do estande são-paulino na feira teve repercussão positiva. "Por tratar-se de um estande diferenciado, chamamos a atenção não somente dos chineses, mas também de brasileiros que não conheciam o nosso projeto e ficaram admirados com o pioneirismo do São Paulo FC", disse. A presença do time do Morumbi na Expo Brasil China também foi tema de reportagem da CCTV, canal estatal chinês, com divulgação por todo o país. Durante a feira, o espaço tricolor recebeu a visita de autoridades, como José Fritsch, ministro da Secretaria Especial de Agricultura e Pesca, e Dr. Newton Oliveira, assessor do ministro dos Esportes. **(CS)**



Nei Pandolfo, senhora Duan Yun A, ministro José Fritsch, ministro Cao Baijun, Edson F. Lapolla e Wladimir Pomar (da esq. à dir.)



Aniversário Liaoning: Xanana Gusmão (ao centro), presidente do Timor Leste, com seu filho, acompanhado de membros do São Paulo Liaoning

PARABÉNS, LIAONING

A parceria entre o São Paulo FC e a empresa canadense AKD International Inc, que deu origem ao São Paulo Liaoning, completou um ano em 6 de setembro. As comemorações foram realizadas no Centro de Treinamento da equipe chinesa. Estiveram presentes figuras ilustres, como Xanana Gusmão, presidente do Timor Leste. O local recebeu também a visita de alguns brasileiros organizadores da Feira Expo Brasil China. **(CS)**



Linkin Park faz megashow no Morumbi

No dia 11 de setembro, o Estádio do Morumbi foi palco para mais um grande espetáculo. Só que, dessa vez, não era uma partida de futebol. O clube cedeu seu gramado para a realização do "Chimera Music Festival - Rock", que teve como atração principal a banda norte-americana de rock Linkin Park em apresentação única na América Latina. O show, com público de 75 mil pessoas, contou também com a abertura dos brasileiros do Charlie Brown Jr., um dos grupos nacionais de maior sucesso entre o

público jovem nos últimos tempos.

A empresa responsável pela organização foi a WA Promoções e Eventos Ltda., a mesma que trouxe, há 23 anos, ao mesmo Morumbi o grupo Queen, maior show já realizado no Estádio. O evento representou a entrada de uma receita significativa aos cofres do clube, além de diversificar as atividades realizadas nas dependências tricolores. **(AL)**

PISAMOS NA BOLA (Ed. 123)

- Na página 46, na legenda da nota São Paulo rumo a Atenas, os nomes corretos são **DANIELLE ZANGRANDO** e **LEANDRO GUILHEIRO**.
- **WALDIR PERES** não pegou pênalti na final de 1977, como publicamos na reportagem Entre o céu e o inferno. Os três tiros batidos pelo Atlético-MG foram desperdiçados por Toninho Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio.

Parceria no ar

No mês de agosto, o São Paulo Futebol Clube firmou parceria com a Gol Linhas Aéreas. A empresa, que já se tornou transportadora oficial da equipe profissional de vôlei masculino do Tricolor, continuará cedendo o transporte dos jogadores, por um ano, em mais de 240 trechos nacionais. E, além disso, passará a oferecer vantagens - como descontos nas passagens aéreas que poderão ser adquiridas a partir de 1 de outubro, na central de atendimento pelo telefone (11) 2161-4600, de segunda a sábado, das 8 às 20 horas - aos associados do clube, dirigentes, conselheiros e funcionários.

Para Marcelo Martines, vice-presidente de marketing do São Paulo, a parceria pode ficar ainda maior. "Além dos conselheiros, associados e funcionários do clube, fizemos uma solicitação para tentarmos beneficiar também todos os sócios-torcedores do São Paulo", declarou. Márcio Sanzi, diretor de marketing são-paulino, completa: "A gol é uma excelente companhia aérea e que oferece serviços de primeira linha. Existe ainda a possibilidade de estendermos o desconto também para vôos internacionais".

Segundo Tarcísio Gargioni, vice-presidente de marketing e serviços da Gol, esse projeto é pioneiro e o São Paulo Futebol Clube será a primeira corporação esportiva a contar com um sistema de vendas específico e estruturado para atender, com exclusividade, à comunidade são-paulina.

Os descontos serão concedidos nas seguintes rotas: Belém, Campo Grande, Fortaleza, Manaus, Palmas, Rio de Janeiro, Vitória, Rio Branco, Belo Horizonte, Cuiabá, Maringá, Porto Seguro, Salvador, Goiânia, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Macapá, Natal, Recife, São Luis, Londrina, Campinas, Florianópolis, Maceió, Navegantes, São Paulo e Porto Velho. (AL)

GOL

Linhas aéreas inteligentes

Know-how brasileiro



Comissão (da esq. à dir.): Calicchio, Marco Aurélio, Rodolpho Schmidt, Guerreiro, Toninho, Lima e dirigente do LA Galaxy

Durante a primeira semana de julho, o São Paulo participou de uma clínica de futebol em Los Angeles, a Premier Development Program (PDP). O evento faz parte do Projeto de parceria entre o Tricolor e o Los Angeles Galaxy, que teve início em maio deste ano.

O clube do Morumbi enviou à cidade norte-americana uma delegação, chefiada pelo conselheiro Rodolpho Otto Schmidt, que contou com Marco Aurélio Cunha, médico e superintendente do futebol profissional, José Roberto Calicchio, coordenador das Escolas Licenciadas, Marcelo Lima, preparador físico, Antônio Rodrigues e Sérgio Guerreiro, técnicos. Entre os dias 5 e 10, os são-paulinos apresentaram um programa de futebol de base desenvolvido para o Los Angeles Galaxy. Foram realizados trabalhos de avaliação com, aproximadamente, 100 garotos amadores californianos, cuja faixa etária variava entre 16 e 19 anos. Pelo LA Galaxy, coordenaram as atividades o técnico Ralph Perez, diretor de desenvolvimento de jovens, e Blane Shepard, diretor de projetos especiais. O programa ocorreu no The Home Depot Center. Em sua primeira fase, foram feitos alguns testes específicos com jovens jogadores previamente selecionados que integram as seleções regionais e do Es-

tado da Califórnia, divididos por idade, para detectar o nível técnico do grupo americano.

No final da clínica, realizaram-se alguns jogos como forma de nova avaliação. Para Rodolpho Schmidt, o trabalho desenvolvido nesse projeto específico de intercâmbio foi de grande valia. "Eles (LA Galaxy) possuem uma estrutura física fantástica, e nós procuramos passar alguns ensinamentos sobre a maneira de treinamento do futebol brasileiro, sobretudo a criatividade e a técnica dos nossos jogadores", declarou.

Além da avaliação, foram promovidos encontros com técnicos e dirigentes. A finalidade era orientar a estruturação das divisões de base americanas. O LA Galaxy tem tido como referência, para a implantação de suas áreas administrativa e técnica, o São Paulo Futebol Clube e o Chelsea FC, da Inglaterra, que também participou da clínica uma semana antes dos brasileiros. A previsão é que sejam realizadas duas ações parecidas por temporada.

A imprensa esportiva destacou a presença do São Paulo nos Estados Unidos com matérias nos jornais *The Los Angeles Times* e no *La Opinion*, que identificou o clube brasileiro com a manchete 'Fábrica de craques'. (APA)

Morumbi conta com moderno sistema de monitoramento

O São Paulo Futebol Clube inaugurou, na partida entre Brasil e Bolívia, em 5 setembro, um moderno sistema de monitoramento por câmeras de vídeo em todo o Estádio do Morumbi. O investimento custou 1,5 milhão de reais. No total, 64 câmeras foram instaladas em pontos estratégicos. Parte dos recursos foi financiada pela Federação Paulista de Futebol, por meio do Fundo de Melhoria dos Estádios.

Após várias empresas serem consultadas, a Kallimage/BWA foi a escolhida para realizar a tarefa e operar o funcionamento da central de monitoramento no Morumbi. Segundo João Paulo de Jesus Lopes, diretor de planejamento e desenvolvimento são-paulino, as câmeras podem acompanhar a movimentação das pessoas nas bilheteria; nas catracas e nos corredores de acesso às arquibancadas e cadeiras. "Nosso sistema é muito amplo. Estamos superando as exigências do Estatuto de Defesa do Torcedor. Nenhum clube no Brasil utiliza esse sistema, que se vale do mesmo equipamento usado nas corridas de Fórmula 1", disse.

O sistema possui três centrais de controle. A central 'A', operando com 12 câmeras fixas e quatro robotizadas - que possuem zoom de aumento em até 220 vezes e possibilitam identificar a fisionomia das pessoas -, irá fazer a segurança e o monitoramento das arquibancadas. A central 'B', com 32 câmeras fixas, funcionará como centro de operações de controle, ou seja, será uma central que, além



64 câmeras espalhadas pelo Morumbi: mais segurança

das imagens específicas dos corredores e acessos internos, concentrará também todas as imagens das outras duas, compartilhando informações com a CET, com o comando da Polícia Militar, Bombeiros, equipe médica e segurança do estádio. Já a central 'C', com 16 câmeras, sendo 12 fixas e quatro robotizadas, será voltada para o controle dos acessos externos, como

monitoramento da movimentação do público, portões, bilheteria e áreas de aglomeração no perímetro do estádio.

As câmeras têm imagens registradas em tempo real por meio de servidores de gravação digital, que também permitem a transmissão on-line de todas as imagens por intermédio de uma rede interna de comunicação (APA)

PARA GOSTAR DE LER

Anos 40 - Viagem à Década Sem Copa

Editora: Bom Texto

Preço Sugerido: R\$ 45,00

Escrito por Roberto Sander, *Viagem à Década Sem Copa* traça um painel completo do futebol nacional durante os anos 40, período em que a Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939 e estendeu-se até 1945, não possibilitou a realização de torneios internacionais. A obra conta histórias de craques como Leônidas da Silva, Jair da Rosa Pinto e Zizinho, entre muitos outros nomes lendários. Além de consultar arquivos de jornais e bibliotecas, o autor entrevistou alguns atletas que atuaram durante a década. Há relatos, por exemplo, do lateral Nilton Santos, do atacante Otávio Moraes e do goleiro Oberdan Cattani. Para tornar a leitura ainda mais saborosa, as 296 páginas do livro foram ilustradas com 64 fotografias da época.

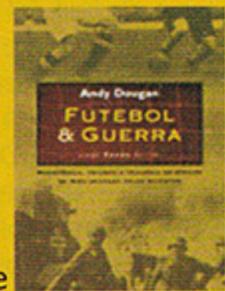


Futebol & Guerra - resistência, triunfo e tragédia do Dinamo na Kiev ocupada pelos nazistas

Editora: Jorge Zahar Editor

Preço Sugerido: R\$ 29,00

Futebol & Guerra conta a história de uma partida de futebol disputada em 1942, na Ucrânia, entre a Luftwaffe, a força aérea alemã, e o F.C. Start, equipe formada a partir da dissolução do fantástico Dinamo de Kiev, melhor clube da Europa pré-conflito. Mais do que um simples embate, porém, esse jogo representou a resistência de um povo diante do poderio militar dos nazistas. Ao longo das 203 páginas, Andy Dougan desvenda as minúcias por trás desse encontro, mostrando como o futebol defendeu a honra da cidade e enfrentou, na mais ampla acepção da palavra, a Alemanha de Adolf Hitler. As consequências desse ato de bravura foram brutais. O livro foi traduzido por Maria Inês Duque Estrada.



A excursão do Torino em São Paulo

Até aquele momento a Itália era o único país a conquistar duas Copas do Mundo de Futebol, 1934 e 1938. Da primeira não guardamos boas recordações, perdemos para a Espanha por 3 a 1 no nosso único jogo. A de 1938, no entanto, ficou gravada em minha mente para sempre. Foi a Copa da consagração definitiva de Leônidas, o saudoso Diamante Negro, que alguns anos mais tarde me fez torcedor do São Paulo. Leônidas, além de ter sido artilheiro dessa Copa, com oito gols, foi considerado o melhor jogador da competição. Ele que também havia assinalado o único gol do Brasil na Copa de 1934.

Em fins de julho de 1948, o Torino, tetracampeão italiano de futebol, temporadas de 45/46/47/48/49, que mantinha em suas fileiras mais da metade da seleção de seu país, estava excursionando por São Paulo. Uma verdadeira máquina de jogar futebol. Havia vencido a Portuguesa de Desportos na estréia, por 4 a 1. Em seguida, 1 a 1 contra o Palmeiras, que tinha um verdadeiro esquadrão. Depois perdeu para o Corinthians por 2 a 1, numa jornada de inspiração alvinegra, especialmente do seu zagueiro direito, Rubens. Um crioulo forte que jogou por toda defesa.

Agora o jogo era contra o campeão de 1948. O São Paulo inesquecível de Bauer, Ruy e Noronha, Friaça, Ponce de Leon, Leônidas, Lelé e Teixeira (o Luizinho, o Sastre e o Remo acabavam de se aposentar).

Eu morava na rua Condessa de São Joaquim, ao lado do campo do Éden Liberdade, onde mais tarde passaria a Avenida 23 de Maio. Ali bem perto, na esquina com a Avenida Liberdade, morava o César, meu colega no Curso de Madureza "Souza Diniz", filho de um médico, proprietário do Hospital São Francisco.

Quando estávamos saindo para ver o jogo, o pai do César nos pediu para levar seu neto de 10 anos, o Betinho. Gostamos da idéia imaginando que iríamos ganhar o táxi e os ingressos. Foi o que aconteceu.

O César também era ainda um garotão e o menino não respeitava muito o tio. Eu assumi a responsabilidade de cuidar do Betinho. Naquela época ainda não havia os perigos de hoje. Lá fomos nós.

Era uma quarta-feira à noite. O Pacaembu completamente lotado. Mesmo de táxi, foi um sacrifício para chegarmos ao estádio. Conseguimos, com muito custo, um lugarzinho bem próximo à estátua de Davi. Os torcedores mais antigos sabem onde ficava essa obra de arte, ali ao lado da Concha Acústica, mais tarde removida para dar lugar ao Tobogã. Diga-se de passagem, uma violência contra a Arte e a História — um pedaço do patrimônio cultural da cidade de São Paulo destruído sem a menor consideração. Há poucos dias o meu amigo Pitta, administrador do Pacaembu, que jogou pela Portuguesa e pelo Corinthians, candidato a vereador nas próximas eleições, deu uma pista sobre o paradeiro da estátua de Davi (o homem pelado, como diziam os torcedores).

Quando alcançamos nossos lugares o jogo já havia começado e se desenrolava num ritmo alucinante, cheio de alternativas.

Algum tempo depois, no momento em que o placar mostrava um empate de 2 a 2, surgiu um desentendimento entre Lelé e Baccigalupo, goleiro do Torino e da seleção italiana, quando da cobrança de um pênalti a favor do São Paulo. O Lelé é aquele mesmo

que formou, com Isaias e Jair, o famoso trio dos "três patetas" no ataque do Vasco da Gama do Rio de Janeiro e da seleção brasileira.

Na hora da cobrança do pênalti houve uma rebatida do goleiro, e Ponce de Leon e Lelé se envolveram com Baccigalupo, que agrediu o Lelé. O Leônidas investiu como uma fera para defender o companheiro e foi imediatamente expulso de campo.

Quando o juiz percebeu a reação da torcida, completamente enfurecida pulando o alambrado para invadir o campo, expulsou também o goleiro do Torino. A briga generalizou-se entre os jogadores e as pessoas que ali estavam. O gramado chegou a ser invadido por alguns torcedores, mas o policiamento agiu a tempo para evitar uma tragédia de grandes proporções.

O importante disso é que, quando olhei para cima e vi aquela massa humana descendo em nossa direção como um enxame de abelhas para invadir o gramado, pedi ao garoto que "escorregasse" para o canto, tanto quanto fosse possível, mas sem largar aquela barra de proteção feita com canos de três polegadas, no corredor do primeiro degrau das arquibancadas.

Quando tudo serenou — faltava muito ainda para terminar o jogo —, puxei o menino pelo braço, tomamos um táxi (sem rádio) e só conseguimos saber o resultado do jogo quando chegamos em casa: 2 a 2. Todos aflitos à nossa espera.

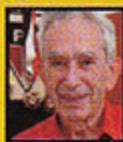
Foi um jogo tumultuado, visto pela metade, mas a lembrança daquela partida nunca mais se apagou da minha memória. Passei a ser um torcedor do Torino a distância. Talvez um dos poucos em São Paulo, fora da colônia italiana. Era um time de estrelas. Verdadeira constelação.

Pouco tempo depois, a requisitada equipe italiana, ao regressar de Lisboa, onde havia jogado na festa de despedida do jogador Ferreira, foi vitimada pela tragédia.

Era 4 de maio de 1949. Eu caminhava tranqüilamente pela rua XV de Novembro, quando percebi num bar, ao lado do banco onde trabalhava, um alarido enorme. A notícia da queda do avião que conduzia a delegação do Torino de volta à Itália acabava de chegar. Devido ao mau tempo reinante, a aeronave havia se chocado contra a Basílica de Superga, já quase ao fim de sua viagem. Perderam a vida nesse acidente mais de 30 pessoas.

Voltei para a pensão onde morava e fiquei um bom tempo traumatizado com o fato. O mundo inteiro chorou em consequência da enorme catástrofe. Aquele esquadrão maravilhoso, familiarizado com a conquista de títulos, ganhou apenas mais um — 1976 — durante 60 anos, e ainda teve de curtir, por longo tempo, a Segunda Divisão italiana. No Campeonato Italiano é hoje mero coadjuvante.

Tomei conhecimento, ao longo de tantos anos, de muitas e muitas tragédias que machucaram o coração do torcedor com intensidade, mas aquela que vitimou a delegação do Torino foi, sem dúvida, uma das que mais marcaram para mim. Talvez em razão de eu haver participado daquele jogo de despedida.



Guaracy Sampaio



FOTOS RUBENS CHIRI / ARTE RCMAC

**Venha ser parceiro do São Paulo.
Licencie seu produto ao lado
de uma marca campeã**

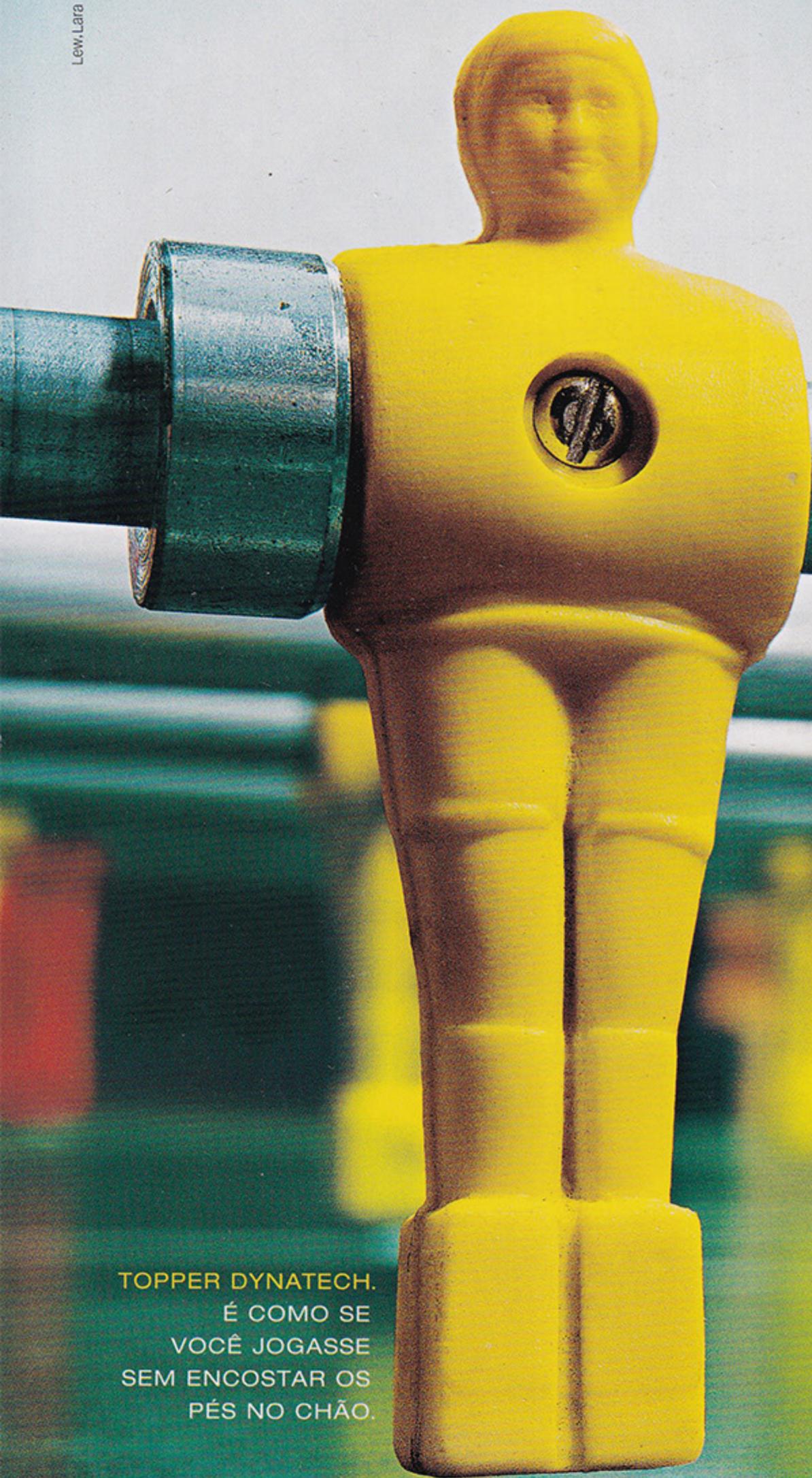
**Maiores informações: Diretoria de Marketing
(11) 3749-8065 ou marketing@saopaulofc.net**





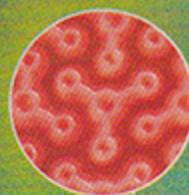
TOPPER

FUTEBOL É COISA SÉRIA



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ